

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

A COMUNIDADE NEGRA NA CAPITAL DA AMIZADE: EM BUSCA DA
AFIRMAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE E HERANÇA CULTURAL
ANCESTRAL

MESTRANDA: CAROLINE PASA
ORIENTADOR: PROF. DR. GÉRSO WASEN FRAGA

ERECHIM/RS
2023

CAROLINE PASA

**A COMUNIDADE NEGRA NA CAPITAL DA AMIZADE: EM BUSCA DA
AFIRMAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE E HERANÇA CULTURAL
ANCESTRAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para a obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga - PPGICH UFFS
Orientador

Prof. Dr. Halferd Carlos Ribeiro Júnior - PPGICH UFFS
Avaliador interno

Prof. Dr. Francisco Alcides Cougo Júnior - UFSM
Avaliador externo

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Pasa, Caroline

A COMUNIDADE NEGRA NA CAPITAL DA AMIZADE: EM BUSCA DA AFIRMAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE E HERANÇA CULTURAL ANCESTRAL / Caroline Pasa. -- 2024.

95 f.

Orientador: Doutor Gérson Wasen Fraga

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Erechim,RS, 2024.

1. comunidade; Erechim; memória; negros.. I. Fraga, Gérson Wasen, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Dedico a todas
àquelas
que foram
subestimadas.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi escrito de forma solitária, mas com influência de diversas pessoas que por meio de conversas, debates e troca de experiências foram essenciais para a conclusão deste trabalho. Dessa forma, se faz necessário relembrar essas pessoas que contribuíram para a pesquisa e palavras aqui escritas.

Antes de mais nada, expresso minha admiração e gratidão pelo meu orientador, Gérson, que pacientemente respondeu a cada um dos meus longos áudios no whatsapp. Sua humildade e gentileza são revigorantes. Agradeço por ter caminhado ao meu lado nesses últimos meses, possibilitando a segurança de tê-lo ao meu lado e incentivando a prática da autonomia.

Agradeço ao Professor Doutor Halferd Carlos Ribeiro Júnior e ao Professor Doutor Francisco Alcides Cougo Júnior por terem aceitado participar na banca de qualificação e defesa, e sobretudo, pelas sugestões e apontamentos expostos na banca de qualificação, as mesmas foram de grande valia para finalizar este trabalho.

Estendo os agradecimentos ao Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font e a seus colaboradores, pelo atendimento, envio rápido e eficaz do material solicitado e pela abertura do espaço para realizar algumas das entrevistas.

Aos representantes entrevistados da comunidade negra da cidade de Erechim. Essa pesquisa não seria possível sem a colaboração de cada um dos/as entrevistados que doaram seu tempo e se dispuseram a compartilhar suas vivências, algumas de suas dores e opiniões acerca de assuntos que nem sempre são confortáveis de falar.

Sou grata pela oportunidade e privilégio de estudar na UFFS. Universidade pública, gratuita e de qualidade que vem transformando a vida de muitas pessoas e contribuindo para o desenvolvimento da cidade de Erechim. Também agradeço pela oportunidade de ter compartilhado parte desta experiência com meus colegas do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas, curso que possibilitou conhecer pessoas que espero levar para o resto da vida.

Estendo meus agradecimentos à minha família, amigas e amigos, e ao meu companheiro de vida que esteve presente durante todo o processo de escrita e teve o cuidado de proporcionar silêncio quando necessário, o ombro para apoiar minha cabeça quando ela estava cheia, as mãos para fazer um cafuné quando o cansaço batia e os ouvidos para que eu pudesse desabafar nos momentos de dúvida.

E não só pessoas, mas músicas que foram de grande inspiração, filmes e documentários que mudaram a perspectiva acerca de alguns dos temas aqui discutidos. Dessa forma, finalizo estes agradecimentos com um trecho da música “Coisa de Pele” lindamente cantada por Jorge Aragão:

Podemos sorrir, nada mais nos impede
Não dá pra fugir dessa coisa de pele
Sentida por nós, desatando os nós
Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora¹
(Acyr Marques / Jorge Aragão, 1999)

¹ Música disponível no canal do Youtube do cantor Jorge Aragão, pode ser acessada através do link:
https://www.youtube.com/watch?v=MNWifTV7UNQ&ab_channel=JorgeArag%C3%A3o-Topic

[...]

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes
Não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui.

[...]

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz
Sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí.

[...]

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Se isso é sobrevivência
Me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi.

[...]

Por fim, permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir, aí.

(EMICIDA, 2019)²

² O texto que abre este trabalho é parte da letra da música “AmarElo”, composta por Emicida. A música, lançada em 2019, conta com a colaboração de Pablo Vittar e Majur. O álbum está disponível no canal do Youtube do Emicida e pode ser acessado através do link: https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU&ab_channel=Emicida Acesso em: 30 jul. 2024.

RESUMO

O presente trabalho consiste na apresentação da Dissertação junto ao Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas intitulado “A Comunidade Negra na Capital da Amizade: Em busca da afirmação e preservação da identidade e herança cultural ancestral”. A pesquisa tem como objetivo geral identificar, registrar e divulgar as atuais manifestações culturais da comunidade negra na cidade de Erechim. A pesquisa partiu do questionamento acerca da inclusão das pessoas negras nas atividades culturais da cidade, se elas estão incluídas e como a cidade responde a suas manifestações culturais públicas. A pesquisa foi realizada servindo-se do método bibliográfico, acrescido do trabalho de campo utilizando-se a metodologia de história oral, os dados coletados foram analisados a partir de uma perspectiva qualitativa, utilizando como ferramenta análise de conteúdo. O referencial teórico utilizado na pesquisa tem como base os estudos sobre Arquivologia no Brasil e qual seu papel acerca da preservação da memória, possibilitando uma breve discussão sobre memória coletiva e social e a legislação vigente acerca do patrimônio imaterial. Os resultados da pesquisa indicam que as pessoas negras da cidade de Erechim estão desenvolvendo diversas atividades que evidenciam e afirmam sua presença na cidade, porém, o senso de unidade esperado em uma comunidade não existe. A individualidade se sobrepõe à coletividade.

Palavras-chave: comunidade; Erechim; memória; negros.

RESUMEN

Este trabajo consiste en la presentación de la Disertación en el Programa Interdisciplinario de Posgrado en Ciencias Humanas titulada “La Comunidad Negra en la Capital de la Amistad: En busca de la afirmación y preservación de la identidad y herencia cultural ancestral”. El objetivo general de la investigación es identificar, registrar y dar a conocer las manifestaciones culturales actuales de la comunidad negra en la ciudad de Erechim. La investigación comienza con preguntas sobre incluso los negros en las actividades culturales de la ciudad, si están incluidos y cómo responde la ciudad a sus manifestaciones culturales público. La investigación se realizó mediante el método bibliográfico, se realizó mediante trabajo de campo utilizando la metodología de la historia oral, los datos recolectados fueron analizados desde una perspectiva cualitativa, utilizando como herramienta el análisis de contenido. El marco teórico utilizado en la investigación sirve de base para estudios sobre la Archivología en Brasil y su papel en la preservación de la memoria, permitiendo una breve discusión sobre la memoria colectiva y social y la legislación vigente sobre el patrimonio inmaterial. Los resultados de la investigación indican que las personas negras en la ciudad de Erechim están realizando diversas actividades que demuestran y afirman su presencia en la ciudad, por lo tanto, no se espera un sentimiento de unidad en una comunidad. La individualidad supera a la colectividad.

Palabras clave: comunidad; Erechim; memoria; negros.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Desafios dos pretos erechinenses.....	76
Quadro 2 - Notas sobre esperança. O que fazer para valorizar e incentivar a cultura negra na cidade?.....	78
Quadro 3: Dia de preto é 20 de novembro.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 REGISTRO DOCUMENTAL.....	21
1.1 <i>ARCHEION</i> : Breve história sobre a necessidade de guarda e a origem do arquivo.....	21
1.2 PROTEGER, IDENTIFICAR E DOCUMENTAR: Fontes de Informação e a busca por novas formas de registro.....	26
2 MEMÓRIA COLETIVA.....	32
2.1 MEMÓRIA COMO ESTUDO INTERDISCIPLINAR: A memória individual na construção da memória coletiva.....	32
2.2 O REGISTRO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA.....	39
3 A PESQUISA QUE NOS ESCOLHE OU NÓS QUEM ESCOLHEMOS A PESQUISA?	
.....	46
3.1 TRILHANDO A PESQUISA.....	46
3.2 INCORPORANDO O ESPÍRITO DA PESQUISADORA.....	49
4 DEIXA QUE OS PRETO DISCORRA.....	51
4.1 Babu, presidente da associação dos africanos.....	52
4.2 Wilky, presidente da associação dos Haitianos.....	53
4.3 Natan, o Mc.....	54
4.4 Arthur, o coreógrafo.....	56
4.5 Roberto, o mestre de capoeira.....	58
4.6 Maurício, o Professor.....	61
4.7 Franciele, a trancista.....	64
4.8 André, o pesquisador.....	67
4.9 Vanessa, a nortista no sul.....	69
5 A COMUNIDADE QUE NÃO EXISTE.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA:.....	89
APÊNDICE B - CARTA DE CESSÃO.....	90

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)..	
.....	91
ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES	
HUMANOS (CEP - UFFS).....	95

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem o objetivo de identificar e refletir sobre algumas das atuais manifestações culturais da comunidade negra na cidade de Erechim/RS. As movimentações em torno da cultura dos descendentes da etnia negra não recebem visibilidade dentro da cidade, talvez por essas manifestações serem mais restritas ao público que com elas se identifica, talvez por falta de divulgação ou orçamento. A questão é que elas existem e estão acontecendo sem que um registro formal aconteça e que permita a sua identificação e preservação para futuros estudos sobre a temática na cidade. Neste sentido, pergunta-se: no contexto de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul como Erechim, com predominância de grupos descendentes da etnia europeia, como a comunidade negra está inserida nas manifestações étnicas culturais a fim de evidenciar a preservação da ancestralidade negra?

O problema da pesquisa nasce do desejo de pertencimento à cidade. Como uma criança preta que nasceu e cresceu no interior do Alto Uruguai, nunca me vi retratada nos livros de história senão como descendente de um povo que foi escravizado. Com o passar dos anos e pequenos estudos em letramento racial³, aprendi que minha ascendência não se resume ao lamentável período da escravidão. Quando decidi pelo mestrado, a certeza que eu tinha era que queria contribuir, de alguma forma, com a valorização da cultura afro-brasileira na cidade. Enquanto Arquivista⁴, minha ideia inicial era trabalhar com os arquivos públicos disponíveis sobre a população negra de Erechim, porém, quando comecei a pesquisa para construir o pré-projeto, percebi que os poucos documentos públicos disponíveis já foram utilizados em outros ótimos trabalhos de pesquisa acadêmica que se encontram disponíveis *online* e com acesso gratuito. O sentimento de felicidade pela valorização dos arquivos da comunidade negra de Erechim logo se transformou em questionamento, uma vez que se o material conhecido e que está disponível já foi utilizado, como poderia contribuir com a valorização da cultura afro-brasileira da cidade?

Findando mais um dia, decidi por um passeio pelo centro da cidade. Observei um grupo de pessoas se despedindo de uma roda de capoeira no antigo terminal municipal. Logo

³ “Letramento Racial tem uma compreensão poderosa e complexa da forma como a raça influencia as experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais dos indivíduos e dos grupos” (SKERRETT 2011, p. 314). Tradução da autora.

⁴ A autora é Bacharel em Arquivologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, curso concluído em 2018.

mais acima estava acontecendo uma batalha de rimas que tinha como tema naquele entardecer o racismo e a maioria dos participantes eram jovens negros e negras. Quando retornei para a minha casa, busquei informações nas redes sociais sobre os encontros que tinham ocorrido e nada encontrei, nem ao menos uma divulgação *online* que pudesse oferecer informações sobre os encontros. Enquanto mulher, preta e arquivista, entendo a necessidade do registro e de dar mais visibilidade no meio acadêmico para essas manifestações culturais que cultivam a história afro-brasileira e assim, quem sabe, contribuir para o despertar do sentimento de pertencimento e identificação com a cidade de Erechim.

A região sul do Brasil teve uma forte colonização europeia, e portanto, é a região do Brasil que tem mais pessoas que se identificam como brancas⁵. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE de 2021⁶, a porcentagem de pessoas brancas no sul do Brasil é de 75,1 enquanto 19,9 se identificam como pardas e 4,4 como pretas. A participação das pessoas pretas na construção do estado do Rio Grande do Sul é lembrada a partir das pessoas que foram escravizadas e limitadas a serviços que tinham poucos direitos e quase nenhum poder aquisitivo. É o que indicam as pesquisas de resgate de memórias dos pretos no sul do país. Oliven (1996) afirma que:

Ao passo que em outros Estados do Brasil, como a Bahia, o negro comparece como um dos formadores da identidade, no Rio Grande do Sul sua imagem é relegada a um segundo plano. De fato, a historiografia gaúcha tradicional, apesar de reconhecer a existência generalizada do escravo no Estado, insistiu na sua pouca importância no processo do trabalho (OLIVEN, 1996, 14).

Percebe-se o crescimento de produções acerca da busca pelas memórias dos negros(as) no Rio Grande do Sul. A maioria das produções acadêmicas envoltas à temática são tentativas de contribuir com a construção da história dessa etnia, para uma história que vá para além do período da escravidão. Na cidade de Erechim, até o ano de 2023, existem quatro instituições que oferecem cursos superiores na modalidade presencial: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS; Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS; Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/URI e a Universidade Anhanguera. Ao fazer uma busca⁷ pela palavra-chave “negros” em seus repositórios digitais, especificamente nos campi

⁵ Será utilizado o termo que o IBGE utiliza para definir raça ou cor da população brasileira com base na autodeclaração.

⁶ Ver pesquisa em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021#:~:text=No%20Sul%20\(75%2C1%25\),popula%C3%A7%C3%A3o%3A%2017%2C7%25.&text=Em%202021%2C%20havia%2072%2C3,61%2C5%20milh%C3%B5es%20em%202012.](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021#:~:text=No%20Sul%20(75%2C1%25),popula%C3%A7%C3%A3o%3A%2017%2C7%25.&text=Em%202021%2C%20havia%2072%2C3,61%2C5%20milh%C3%B5es%20em%202012.)

⁷ Busca realizada no período de Março de 2023.

da cidade de Erechim, encontramos os seguintes resultados, em ordem decrescente: UFFS (18), URI (0); Anhanguera (0); UERGS (0). A UERGS e a Anhanguera não possuem cursos na área das Ciências Humanas, o que pode vir a justificar a ausência de pesquisas com a temática pesquisada. Quanto à URI campus Erechim, não foi possível localizar os trabalhos. Sabe-se que existem por conta de citações em pesquisas sobre a temática em alguns trabalhos da UFFS.

Quando a busca é realizada no site da Biblioteca Municipal da cidade, novamente através da palavra-chave “negros”, encontramos 28 resultados com livros que vão desde os literários até acadêmicos e produções regionais. O Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, dispõe de material sobre a população erechinense, de uma forma geral, e separado pela descendência de etnias. Quando buscamos pela documentação referente à descendência negra, é disponibilizado ao usuário uma pasta com alguns recortes de jornal, documentos com diferentes tipologias e alguns dados de pesquisas acadêmicas como “A imigração negra”, “A presença negra na história de Erechim”, “Missa dos quilombos”, “Clube treze de Maio”, etc. Alguns documentos em formato digital também compõem os registros como fotos e entrevistas que foram gravadas em um podcast local⁸.

As buscas mostram que o número de pesquisas sobre o tema ainda são poucas, visto que a cidade, segundo o censo 2022, conta com um total de 105.705 pessoas, sendo umas das mais populosas do Estado do Rio Grande do Sul. No ano de 2013 foi ao ar no telejornal local, na RBS TV, uma matéria clássica de telejornais, em que um entrevistador na rua da cidade aborda pessoas e faz perguntas. No dia em questão o tema era racismo e, ao questionar um morador da cidade de Erechim quanto a sua opinião sobre o tema, o entrevistado respondeu que na cidade de Erechim não há esse problema de racismo, porque: “aqui não tem negros, logo não tem racismo”. Essa fala demonstra o quanto a comunidade negra é invisível para alguns moradores da cidade, que provavelmente não frequentam e nem conhecem os bairros que antecedem seu pórtico de entrada. Bento (2022) fala sobre a lacuna no discurso dos brancos em referência à comunidade negra. Algo como “não se vê, não se sabe, não conhece, não convive”.

A cidade de Erechim é conhecida como “A Capital da Amizade”. O slogan foi proferido por Rubens Safro⁹ em 1968, nos festejos de 50 anos de Erechim durante a festa das etnias que integram a cidade. De acordo com as fontes oficiais, “A alcunha foi adotada pelo município devido à diversidade de descendências étnicas que compunham a sua população e à

⁸ Programa Voz Afro, com Kelly Struns, na rádio avs comunicação.com.

⁹ Ver: <https://www.lugaresdecuidadoememoria.com.br/historias/a-farmacia-da-amizade>.

harmonia de sua convivência” (ERECHIM, 2023). Até o ano de 2023 as principais comemorações públicas que celebram as etnias da cidade são a Festa di Bacco¹⁰ que celebra a etnia italiana, e a Comenda do Imigrante,¹¹ que celebra a etnia alemã, italiana, polonesa e israelita. A etnia negra não é contemplada com nenhum evento público anual como os citados anteriormente, o que contribui para a invisibilidade e o mito de que, como falado pelo cidadão na reportagem, “não existe negro em Erechim”.

A visibilidade negra no Brasil tem avançado e levantado várias questões para debate e reflexão sobre o lugar que as pessoas pretas e pardas ocupam no País. A pesquisa aqui apresentada não tem o objetivo de adentrar nas questões sobre raça e racismos, entende-se que são temáticas necessárias e que precisam sim ser debatidas, mas aqui o objetivo é colaborar para a construção de afirmação da cultura negra, cultura que nos une e nos identifica nas Américas e no Brasil. É contribuir para que a herança trazida na mente e pelos corpos negros, que forçadamente viajaram amontados em navios negreiros, seja registrada na esperança de que mais memórias não sejam invisibilizadas e perdidas. O hoje constroi o futuro, e para que se tenha memórias no futuro é preciso registrar o hoje.

Em vista do acima exposto tem-se o objetivo central deste trabalho: identificar e refletir sobre algumas das atuais manifestações culturais da comunidade negra na cidade de Erechim/RS. Com os objetivos específicos tem-se o intuito de registrar o depoimento de alguns dos protagonistas que desenvolvem atividades ligadas à cultura afrobrasileira; refletir acerca do conjunto de saberes, fazeres, expressões, práticas e atividades da comunidade negra de Erechim e, por fim, colaborar com a afirmação da identidade negra na região do Alto-Uruguaí.

Para que os objetivos sejam alcançados, a identificação das atuais manifestações foi, em um primeiro contato, a partir das divulgações de eventos públicos que abrangem a temática pesquisada nas redes sociais, *Facebook e Instagram* no ano de dois mil e vinte e três. Identificado o evento e o sujeito responsável pela sua realização, o contato primário se deu por meio da mesma rede social em que divulgou-se o evento. Com um primeiro diálogo *online* com o possível entrevistado e a afirmativa de interesse em participar da pesquisa, foi enviado para o *e-mail* informado pelo colaborador o projeto de pesquisa, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e todas as outras informações

¹⁰

Ver: <https://www.pmerechim.rs.gov.br/noticia/16059/13-01-2022/festa-di-bacco-2022-a-festa-da-uva-de-erechim>.

¹¹

Ver: <https://jornalbomdia.com.br/noticia/56555/34-comenda-do-imigrante-do-clube-do-comercio-foi-sucesso-de-publico>.

solicitadas pelo possível participante. O convite foi realizado obedecendo aos seguintes elementos: explicação sobre o estudo (justificativa, objetivos e metodologia), importância da participação na pesquisa, tempo estimado para a realização do estudo e possíveis questões que os/as convidados/as possam vir a ter. Observa-se que essa etapa foi realizada de maneira clara e objetiva, buscando tornar a escolha do/a participante o mais livre possível. Salienta-se, também, que foram consideradas as singularidades da pessoa envolvida, buscando, portanto, linguagem, momento e tempo que respeitassem a autonomia do/a convidado/a. Quanto à delimitação do grupo para amostra na pesquisa, foram entrevistadas nove pessoas pretas e pardas com idade entre 18 e 45 anos, residentes na cidade de Erechim.

Aceito formalmente o convite de participação, sugeriu-se que o registro das informações fosse feito no Laboratório de História Oral da UFFS, campus Erechim, ou num lugar de preferência do colaborador, desde que dentro dos termos definidos pelo Comitê de ética, com uso de gravador de áudio. As gravações seguiram a base teórica e metodológica da história oral. Com intuito de difundir e colaborar com a construção da identidade negra na região, os áudios gravados terão dois destinos finais: Uma cópia vai compor o acervo do laboratório de história oral da UFFS, campus Erechim, e os áudios e as transcrições originais serão doados ao Arquivo Público Juarez Miguel Illa Font para compor os registros da população afro-brasileira da cidade.

Como referencial teórico pautado numa perspectiva interdisciplinar, este trabalho fundamentou-se em autoras e autores que são referência do campo arquivístico, tais como Heloísa Liberalli Bellotto; Maria Odila Fonseca; Margaret Hedstrom; José Maria Jardim; Franciele Merlo e Glaucia Vieira Konrad. Perpassando as discussões acerca da memória como forma de registro do passado: Aspásia Camargo; Maria Cecília Londres Fonseca; Sonia Maria de Freitas; Paul Ricoeur; Jacques Le Goff e José Carlos Sebe Bom Meihy. No que tange à metodologia escolhida para pesquisa de campo, a História Oral, será utilizada como base o “Manual de História Oral” de Verena Alberti. As categorias de análise protagonistas neste estudo são a memória e o registro documental.

Os capítulos que compõem esse trabalho foram pensados de forma que pudessem atender os objetivos específicos e fazer uma breve reflexão sobre a arquivologia e a história como ciências que podem conversar e se complementar enquanto estudos no campo interdisciplinar. O caminho dessa reflexão começa com a conceituação e afirmação da importância dos arquivos permanentes e dos registros documentais. As terminologias arquivísticas que não serão abordadas, porém, são essenciais para a compreensão do todo, foram descritas conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística em nota de

rodapé. O trabalho propõe ainda uma breve discussão entre a temática da memória e como ela é objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento. Tem-se base jurídico-legal para o mapeamento e documentação das manifestações culturais que compõem a memória de um povo e, ao final, analisou-se os dados coletados na pesquisa de campo unindo teoria, história e tempo presente.

Ao final, a pesquisa pretende contribuir em dois eixos do conhecimento. A nível institucional, produzirá material acerca das manifestações da cultura afro-brasileira na cidade de Erechim. Em nível social, a pesquisa contribuirá com a disponibilização de registros documentais sobre a população negra na cidade de Erechim, por meio da doação das gravações e transcrições das entrevistas para o Arquivo Histórico da Cidade. A pesquisa pretende assim lançar luzes sobre as manifestações culturais da comunidade parda e negra no município de Erechim.

Quanto à metodologia adotada para a pesquisa, a natureza científica da pesquisa é exploratória com ênfase na abordagem qualitativa. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos será pesquisa de campo. Sobre o ponto de vista dessa pesquisa, nos fala Gil (2002, p. 41):

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. (GIL, 2002, p. 41)

A pesquisa de campo será feita por meio de entrevistas que terão como foco o registro por meio de história oral, que após transcritas para o uso no projeto, poderão ser arquivadas para compor o material disponível sobre a comunidade negra de Erechim e suas diferentes manifestações culturais. Também no contexto político, contribuirá para a preservação da memória da população negra de Erechim que busca novas formas de registro para posterior pesquisa no futuro.

Para auxílio nas entrevistas orais foi desenvolvido um roteiro que servirá de fio condutor para que as respostas fossem direcionadas ao que o projeto tem como proposta resolver enquanto problemática da investigação, buscando não se estender a fatos que desviem do foco do projeto. De acordo com Minayo (2022, p. 59), a entrevista semiestruturada “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

Quanto à natureza científica na pesquisa, Gil (1999) considera que a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Desta forma, a pesquisa exploratória permitirá conhecer sobre o processo de difusão de saberes e ações culturais e educacionais na cidade envolvendo a temática proposta. A pesquisa exploratória permitirá afunilar a formulação do problema e contribuir para uma nova opinião sobre as manifestações negras que acontecem e o porquê delas ficarem tão reclusas e muitas vezes restritas a um determinado público.

Esta etapa da pesquisa será bibliográfica, realizada a partir de leituras em materiais impressos e *online* que contemplem a temática, retratando as ações culturais e artísticas da comunidade negra de Erechim. Espera-se, com a devida autorização do detentor do material, acesso a outras formas de materiais como fotos, vídeos e registros que possam contribuir para a pesquisa.

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Para Boccato (2006, p. 266) “Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica”. Muitas pesquisas sobre a temática proposta já se encontram disponíveis *online*, e muito contribuirão para o levantamento de novas visões e problemáticas em torno do assunto.

Os critérios para a escolha dos participantes foi de pessoas negras e pardas que residam na cidade de Erechim e que desenvolvam trabalhos ou projetos sociais, remunerados ou não, que têm como objetivo compartilhar a história e cultura dos negros aos cidadãos da cidade e atingem um determinado grupo de pessoas. Como citado anteriormente, por se tratar de uma cidade com pouca movimentação em torno das manifestações da cultura negra, pode-se dizer que o contato com uma pessoa envolta de um movimento leva à outra. O início deu-se a partir da participação da pesquisadora em uma reunião do Movimento Étnico dos Negros de Erechim - MENE. Em conversa com alguns dos integrantes fui direcionada a procurar nas redes sociais outras pessoas e seus projetos que também colaboram com eventos públicos que evidenciam a presença da comunidade negra na cidade de Erechim.

Quanto a devolutiva, será enviada por *e-mail* a transcrição da entrevista, assim como a cópia do áudio, após a banca de defesa do trabalho. O entrevistado será convidado para participar da defesa da dissertação. Os dados da pesquisa terão 3 destinos: Uma cópia ao participante; uma cópia ao Laboratório de História Oral da UFFS e as gravações e

transcrições originais ao Arquivo Municipal Juarez Miguel Illa Font, como já citado anteriormente, visando cumprir com o objetivo de reunir e preservar os registros documentais da etnia negra na cidade de Erechim.

Os dados coletados durante a pesquisa de campo serão explorados a partir de uma análise de tipo qualitativa utilizando como ferramenta a análise de conteúdo Minayo (2002). Tal método consiste na separação dos dados em unidades de análise, que devem corresponder aos objetivos propostos para a pesquisa. Separados os dados em unidades, eles serão agrupados em conjuntos de categorias, onde cada conjunto deve respeitar os seguintes critérios: ser estabelecido a partir de um único princípio de classificação e agregar todas as possíveis respostas em suas categorias. Tal método de análise possibilitará a separação dos dados coletados em unidades e, conseqüentemente, a compreensão de suas particularidades e semelhanças.

1 REGISTRO DOCUMENTAL

Por se tratar de uma pesquisa no campo interdisciplinar, observou-se que a Arquivologia é/era uma área de estudo desconhecida pela maioria dos colegas de classe, e também, foi motivo de curiosidade e questionamento dos alunos de graduação durante o estágio docência desenvolvido pela pesquisadora, portanto, entende-se a oportunidade de aqui apresentar uma breve história sobre a arquivologia e a importância dos registros documentais. Existe uma preocupação dos arquivistas em como lidar com tamanha informação digital. Num segundo momento, são apresentados os valores dos documentos de terceira idade e os desafios que os arquivistas enfrentam para a avaliação dos documentos e a criação de fundos documentais como registros para a pesquisa histórica.

1.1 *ARCHEION*: Breve história sobre a necessidade de guarda e a origem do arquivo

Os primeiros registros humanos que se tem conhecimento foram feitos com tinta de plantas em pedras. Com o advento da escrita, o suporte desses registros foi evoluindo para o papiro e papel. Após as escritas cuneiformes e hieroglíficas, o alfabeto permitiu à humanidade registrar e comunicar ideias por meio de símbolos visuais, caracterizando a era da escrita Dodebeí (2000). A história da escrita mostra como o homem sempre teve a preocupação de registrar sua rotina, sua história. De acordo com Merlo e Konrad (2015, p. 22), “por mais que a evolução desses suportes tenha tornado um a um de seus antecessores obsoletos, é inegável observar que, teoricamente, o conteúdo informacional permanece e continua a ser fonte de informação”.

A necessidade de guarda desses registros deu origem ao arquivo. De acordo com Schellenberg (2006, p. 35) a palavra "archives", de origem grega, é definida no *Oxford English Dictionary* como: a) “lugar onde são guardados os documentos públicos e outros documentos de importância” e b) “registro histórico ou documento assim preservado”. A professora Marilena Paes (2007, p. 19) afirma que a palavra arquivo não tem uma origem exata, algumas pesquisas indicam que ela pode ter nascido na Antiga Grécia como *arché* e, posteriormente, evoluiu para *archeion*, que significa “local de guarda e depósito de documentos”. Schellenberg (2006) também aponta a provável origem dos arquivos como instituição na antiga civilização grega. “Nos séculos V e IV a.C os atenienses guardavam seus

documentos de valor no templo da mãe dos deuses, isto é, no *Metreon*, junto à corte de justiça na praça pública de Atenas” (Schellenberg, 2006, p. 25). Em sua obra “História e Memória” Jacques Le Goff descreve detalhadamente a origem e o entendimento do que é documento:

O termo latino *documentum*, derivado de *docere*, “ensinar”, evoluiu para o significado de “prova” e é amplamente usado no vocabulário legislativo. É no século XVII que se difunde, na linguagem jurídica francesa, a expressão “*titres et documents*”, e o sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX. O significado de “papel justificado”, especialmente no domínio policial, na língua italiana, por exemplo, demonstra a origem e a evolução do termo. O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito (LE GOFF, 2013 p. 486).

O Arquivo Nacional (2005, p. 73) entende documento como “Unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte [...]”. Dessa forma, os documentos que foram produzidos pela mesma instituição, resultantes das atividades desta, fazem parte do mesmo conjunto de proveniência, o que os tornam documentos de arquivo. Fonseca (2005) afirma que essas instituições remontam à criação do Arquivo Nacional da França, em 1789, “primeiramente como arquivo da Assembleia Nacional e depois transformado, em 24 de junho de 1794, no estabelecimento central dos arquivos do Estado” (Fonseca, 2005, p.39). Segundo Franco e Bastos (1986):

A legislação de arquivos é um ensaio micro administrativo da realidade político-constitucional de cada nação (...). Historicamente, a formação dos arquivos nacionais acompanha com relativa precisão a história da formação dos Estados nacionais e possibilita uma visualização das crises e alternativas da realidade política. Compreender-los é compreender a história da formação nacional e identificar os fluxos e dessintonias do Estado moderno. (FRANCO; BASTOS. 1986, p. 1)

Fonseca (2005) estabelece três aspectos que resumem o modelo que estabeleceu as instituições arquivísticas como órgão responsável pelo recolhimento, preservação e acesso aos documentos gerados pela administração pública nos seus diferentes níveis de organização :

- 1) Uma administração orgânica foi criada para cobrir toda a rede de repartições públicas geradoras de documentos; alguns autores chegam a referir-se a “uma rede de arquivos de Estados”
- 2) O Estado reconhece sua responsabilidade em relação ao cuidado devido ao patrimônio documental do passado e aos documentos por ele produzidos;

- 3) A proclamação e o reconhecimento do direito público de acesso aos arquivos: “Todo cidadão tem o direito de solicitar em cada depósito a exibição dos documentos ali contidos” (Lei de 7 *messidor*, art 37). (FONSECA, 2005, p.40)

Fonseca (2005) afirma que tais aspectos consolidaram uma visão positivista da história e tornaram um conceito generalizado a ideia de que os arquivos constituíam a base da pesquisa histórica, de modo que os Estados tinham a obrigação de mantê-los acessíveis. Porém, a preocupação dos países em garantir acesso aos arquivos se limitava aos documentos do passado, como afirma Duchein (1983):

E em nenhum lugar – exceto na Suécia, um caso único – o direito de acesso aos arquivos estava explicitamente ligado ao exercício dos direitos democráticos; Em outras palavras, as leis e regulamentos foram concebidos exclusivamente para facilitar a pesquisa histórica e acadêmica, que se concentra em documentos do passado, mas não para permitir que o cidadão comum conheça procedimentos governamentais e administrativos recentes ou atuais. (DUCHEIN, 1983 p.5, tradução nossa¹²)

Os avanços de Napoleão na política francesa contribuíram para a situação dos arquivos. Como afirma Fonseca (2005), desde 1808 foram proclamadas leis que tornaram obrigatório o deslocamento dos arquivos dos países governados e territórios agregados e ocupados para Paris, o que culminou numa massa documental sem precedentes. Fonseca (2005, p. 41) afirma que “Com o fim do Império Napoleônico, procedeu-se à devolução dos arquivos aos países de origem, a qual acarretou perda e destruição de documentos”.

As instituições arquivísticas foram tradicionalmente fundadas por Estados, para servi-los como parte de sua estrutura hierárquica e cultura organizacional (Fonseca, 2005). Para Cook (1997) A principal justificativa para a existência dos arquivos para a maioria dos usuários e para o público em geral repousa no fato dos arquivos serem capazes de oferecer aos cidadãos um senso de identidade, de história, de cultura e de memória pessoal e coletiva. Os registros documentais passaram a se constituir como principal forma de provar que determinada ação, fosse ela administrativa ou jurídica, aconteceu. No âmbito de uma manifestação cultural, religiosa, etc. o registro de tal acontecimento passa a garantir a

¹² Y en ninguna parte, finalmente - salvo en Suecia, caso único-, el derecho de acceso a los archivos estaba explícitamente vinculado al ejercicio de los derechos democráticos; dicho de otra manera, las leyes y reglamentaciones estaban exclusivamente concebidas para facilitar la investigación de índole histórica y erudita, que se vuelca sobre los documentos del pasado, pero no para permitir que el ciudadano común conociera los procedimientos gubernamentales y administrativos recientes o actuales.(DUCHEIN, 1983 p.5)

preservação e documentação da memória. Indolfo, destaca a importância dos registros para a humanidade:

O documento ou, ainda, a informação registrada, sempre foi o instrumento de base do registro das ações de todas as administrações, ao longo de sua produção e utilização, pelas mais diversas sociedades e civilizações, épocas e regimes. Entretanto, basta reconhecer que os documentos serviram e servem tanto para a comprovação dos direitos e para o exercício do poder, como para o registro da memória (INDOLFO, 2007, p. 29)

De acordo com Rocha e Freire (2021 p. 20) “a Arquivologia despontou no Brasil devido à necessidade de preparar profissionais com habilidades para organizar e disponibilizar documentos, principalmente a partir do Século XVIII”. A arquivologia brasileira tem evoluído de forma constante, mas se compararmos com a realidade europeia e norte-americana, a realidade da arquivologia latino-americana ainda está caminhando a passos curtos. Fonseca (2005) afirma que nem os preceitos de uma arquivologia positivista foram consolidados, nem se conseguiu estabelecer relações administrativas com os órgãos da administração pública. Para Rocha e Freire (2021 p. 20) “A arquivologia foi iniciada, efetivamente, no Século XX, mais especificamente na década de 1970, nas instituições federais de ensino superior, próximo à promulgação da Lei nº 6.546/1978 que reconheceu a profissão de Arquivista”. Fonseca (2005) especifica, que foi a partir de 1970 que a arquivística passou a ter mais visibilidade no Brasil, com a criação da Associação de Arquivistas Brasileiros em 1971, protagonista dentre as principais conquistas que estabeleceram parâmetros que até hoje definem as questões arquivísticas no Brasil. Porém, o associativismo nacional passou a ser regional e deu-se início a uma crise que postergou avanços na área. Como afirma Fonseca (2005):

Um indício dessa crise foi a não realização do 14º Congresso Brasileiro de Arquivologia, em 2003, donde a necessidade de se criarem mecanismos de consolidação do campo da arquivologia como uma área de conhecimento autônoma – por exemplo, restabelecendo os fóruns gerais de discussão teórica, em nível nacional (FONSECA, 2005 p.68).

As décadas seguintes foram de avanços para a área da Arquivística. Fonseca (2005) evidencia aqueles que considera os mais representativos em cada vertente do projeto de modernização da Arquivologia: na década de 80 tivemos a criação do Fórum de Diretores de Arquivos Estaduais; lançamento da revista *Acervo*; primeiro convite para arquivistas brasileiros proferirem palestras no Congresso Internacional de Arquivos; o Brasil passa a ocupar um cargo na Secretaria executiva do Conselho Internacional de Arquivos e a presidência e a vice-presidência da Associação Latino-Americana de Arquivos. Na década de

90 tem-se um aumento significativo do número de cursos de arquivologia no país; a melhoria da qualificação do corpo docente nos cursos de arquivologia; aumento da contribuição de autores vinculados à universidade na produção científica da área e nas possibilidades de áreas de concentração em arquivologia nos cursos de pós-graduação existentes. Rocha e Freire (2021) afirmam que foi esse cenário que permitiu que profissionais tivessem uma formação adequada, que as escolas de formação passassem a considerar teorias que embasam o fazer arquivístico, dando mais suporte às práticas. A arquivologia acompanhou as mudanças históricas do País. Nesse sentido, Marques (2013, p. 37) afirma que a “Arquivologia, como todas as disciplinas e áreas do conhecimento, é marcada por modelos, crises, avanços e recuos, configurados em tendências históricas, que lhe conferem identidade no espaço científico ao longo do tempo”.

Com a Arquivologia fundamentada no Brasil, as fontes primárias se tornaram mais acessíveis e essenciais para uma pesquisa acadêmica com confiabilidade. Desta forma os arquivos se tornam imprescindíveis para as construções historiográficas. Merlo e Konrad (2015, p. 2) questionam e nos fazem refletir sobre a importância dos registros: “[...] o que seria de uma sociedade, hoje, sem seus documentos? Os documentos são a essência de uma organização, a memória de uma sociedade”.

O registro da história e da memória humana se dá, atualmente e em grande parte, por meio dos documentos gerados pelas atividades desenvolvidas por determinada organização, pessoa ou família. Esses registros, postos de maneira orgânica, passam a ser rica fonte de informação. Porém, para que constituam uma pesquisa histórica, é preciso que estejam acessíveis, a qualquer tempo, aos interessados, sejam pesquisadores ou a sociedade em geral. (MERLO. KONRAD 2015, p. 2)

Nesse sentido e pensando nas experiências enquanto arquivista num curso interdisciplinar, onde a maioria dos colegas desconhecia a profissão de Arquivista, é importante destacar o papel e desafios que os arquivistas enfrentam. Atualmente o Brasil tem 17 cursos de educação superior¹³ em Arquivologia reconhecidos pelo Ministério da Educação, que buscam formar profissionais capazes de controlar documentos e arquivos em qualquer suporte que venham a assumir, seja ele o tradicional papel, ou mesmo fotografias, discos, dvd/cd, digitais etc., gerenciando as informações que foram produzidas em função das atividades da organização. O arquivista é responsável pela tramitação, armazenamento, acesso, destinação e preservação em diferentes instituições, sejam públicas ou privadas. Nos arquivos históricos ou permanentes o profissional arquivista zela pelo armazenamento,

¹³ <https://www.gov.br/conarq/pt-br/conexoes/links-uteis-1/cursos-de-arquivologia-no-brasil>.

preservação, conservação, restauro e acesso dos documentos aos usuários. Tamanha diversidade das funções de um arquivista faz com que esse profissional seja multidisciplinar e atue em diferentes ramos da arquivologia, que vão desde decidir o método de arquivamento, até o estudo da paleografia¹⁴ e diplomática¹⁵. Os arquivistas, assim como se espera de todas as profissões, devem buscar estar sempre se atualizando e aprendendo novas formas e técnicas de trabalho. Fonseca (2005) destaca:

Num mundo de mudanças rápidas e organizações muito complexas, que geram um volume enorme e descentralizado de documentos, num mundo de documentos eletrônicos, com seus registros virtuais e transitórios, seus bancos de dados relacionados e “multidirecionados”, suas redes de comunicação interinstitucionais, nenhum registro confiável sobreviveria e estaria disponível para o futuro se o arquivista não interferisse na sua preservação antes mesmo de sua criação. (FONSECA, 2005, p. 62).

Os arquivos, os documentos e os arquivistas são peças importantes para a preservação da memória de uma sociedade, grupo ou mesmo indivíduo. O devido registro faz com que as chances de se manter vivos determinados saberes e fazeres que compõem grupos, nesse caso a comunidade negra de Erechim, não se percam e possam colaborar na construção da identidade dessas pessoas que carecem de registros arquivísticos. Conforme Eastwood:

Os arquivistas estão tentando descrever a característica crucial que eles acreditam inerente a todos os arquivos [...]” mas para descrever as suas características é preciso que eles existam, ou sejam criados, para que se possam comprovar “[...] que eles são o resultado de quando os seres humanos realizam ações, cumprem missões ou finalizam tarefas no mundo e, portanto, revelam fatos, ainda de que de forma relativamente circunscrita, sobre essas ações, missões ou tarefas e os acontecimentos e experiências mais a amplas das quais eles fazem parte. (EASTWOOD, 2009 p. 23).

1.2 PROTEGER, IDENTIFICAR E DOCUMENTAR: Fontes de Informação e a busca por novas formas de registro

Os arquivos são frequentemente associados à memória. A memória, porém, é uma temática complexa, multi e interdisciplinar, e será melhor explorada no próximo capítulo deste estudo. Com a intenção de cumprir com o objetivo de colaborar com os registros documentais da população negra do Arquivo Histórico da cidade de Erechim, entender o processo de identificação de valores documentais e o que é a avaliação documental que torna

¹⁴ Disciplina que estuda a escrita manuscrita antiga, suas formas e variações através do tempo.

¹⁵ Disciplina que tem como objeto o estudo da estrutura formal e da autenticidade dos documentos.

um documento permanente e, ainda, como ele contribui para a preservação da memória e da pesquisa histórica, é essencial para fontes primárias.

Documentos são criados todos os dias por diferentes pessoas e instituições públicas e privadas. Portanto, como afirma Schellenberg (2006), é impossível para qualquer que seja a nação, mesmo as que têm as mais ricas poses, prover espaço para armazenar e profissionais para cuidar de todos os documentos produzidos. “Uma redução na quantidade de tais documentos torna-se essencial, tanto para o governo quanto para o pesquisador [...]. Os documentos devem ser reduzidos em quantidade para que sejam úteis à pesquisa erudita” (Schellenberg, 2006, p.179). Para essa redução é feita a avaliação documental que “pode se tornar responsável pela construção da memória social, histórica e individual, e conseqüentemente, de que forma se constitui a formação do patrimônio arquivístico e como este teria a capacidade de ‘expressar e refletir a memória’ ou de permitir ‘escrever a história’” (Lousada, 2012, p.5). De acordo com o Dicionário de Terminologia Arquivística, a avaliação documental é o “processo de análise de documentos de arquivo que estabelece os prazos de guarda e há prazos de guarda e de destinação de acordo com os valores que lhes são atribuídos” (2005 p.41). O renomado Arquivista estadunidense Theodore Roosevelt Schellenberg criou os conceitos de valor primário e secundário dos documentos que são a base para a avaliação e determina:

Os valores inerentes aos documentos públicos modernos são de duas categorias: valores primários, para a entidade onde se originam os documentos, e valores secundários, para outras entidades e utilizadores privados. Os documentos nascem do cumprimento dos objetivos para os quais um órgão foi criado – administrativos, fiscais, legais e executivos. Esses usos são, é lógico, de primeira importância. Mas os documentos oficiais são preservados em arquivos por apresentarem valores que persistiram por muito tempo ainda depois de cessado seu uso corrente e porque os seus valores serão de interesse para outros que não os utilizadores iniciais” (SCHELLENBERG, 2006 p.180)

O arquivista americano também relaciona os funcionários do órgão produtor como responsáveis pelo julgamento dos valores primários e os arquivistas como protagonistas pelo julgamento dos valores secundários. O foco deste estudo são os valores secundários dos documentos, que são os que resultam no arquivo permanente. Para Bellotto (2006), ao estabelecer e discernir o que diferencia o valor administrativo do valor histórico¹⁶ ou o que os superpõe, o arquivista já estabelecerá os critérios de valor dos documentos de terceira idade. Schellenberg (2006) indica que a forma mais fácil de se determinar os valores secundários de

¹⁶ A literatura arquivística denomina o valor administrativo também como valor primário e valor histórico também como valor secundário.

um documento oficial é analisar dois aspectos: a) a prova que contém da organização e do funcionamento do órgão que a produziu, também denominado valor probatório e b) a informação que contém sobre pessoas, entidades, coisas, problemas, condições, etc., com que o órgão governamental tenha tratado, também denominado valor informativo. Bellotto trata o valor probatório como os referentes à história e a ação do órgão e o valor informativo aos documentos que ilustram as particularidades econômicas, políticas, de pesquisa, sociais e estatísticos. “Com isso, há possibilidades concretas de levantar a história de um órgão e, paralelamente, extrair de sua documentação informes históricos de toda espécie” (Bellotto, 2006, p. 122). Os documentos permanentes são os que prestam informações para a população de forma geral e estão disponíveis em acordo com a Lei 12.527¹⁷.

Os documentos permanentes ou históricos são, portanto, os que já passaram pelo ciclo vital dos documentos¹⁸ e, na concepção do conceituado arquivista francês Charles Braibant, passaram de “arsenal da administração” para “celeiro da história”. O Dicionário de Terminologia Arquivística define arquivo permanente como “conjunto de documentos preservados em caráter definitivo em função de seu valor para a eficácia da ação administrativa; como prova, garantia de direitos ou fonte de pesquisa” (2005, p. 34). O suporte do documento não é o único fator a ser considerado, não só documentos de papel são históricos, qualquer documento, independente do suporte, pode ser considerado histórico visto a variedade de suportes que o arquivista manuseia. Alguns documentos já “nascem” permanentes de acordo com Bernardes (1998), como os documentos de valor mediato, a exemplo dos documentos de criação, constituição, modificação ou extinção do órgão produtor (Leis, Decretos, Portarias, Resoluções). Para Bellotto, “um documento é histórico quando, passada a fase ligada à razão pela qual foi criado, atinge a sua utilização pela pesquisa histórica. É útil para a administração e a historiografia, no sentido mais crítico e científico, e não no de ‘deleite cultural’” (Bellotto, 2006 p.115). A importância do prazo de vigência do documento se faz imprescindivelmente necessário, é a partir desse intervalo de tempo que decorre os trâmites legais e administrativos que validam as finalidades que determinaram a sua produção:

A história não se faz com documentos que nasceram para ser históricos, nem com autógrafos de grandes figuras, nem com documentos isolados que signifiquem o ponto final de algum ato administrativo e sim, ademais de outras fontes, com a “papelada” gerada pelo cotidiano da vida administrativa (BELLOTTO, 2006 p. 114).

¹⁷ Lei do acesso à informação, de 18 de novembro de 2011. Será apresentada no capítulo seguinte.

¹⁸ Sucessivas fases por que passam os documentos de um arquivo, sua produção à guarda permanente ou eliminação.

O processo de avaliação garante que o documento tem valor para a pesquisa administrativa e histórica. Para Lussana (2012, p. 67), “a avaliação documental é considerada dentro da área como um fenômeno recente, haja vista que durante séculos as instituições conservavam documentos que refletiam tanto testemunhos de seus direitos como de seus privilégios”. O processo de avaliação “consiste em identificar valores para os documentos e analisar seu ciclo de vida, com vistas a estabelecer prazos para sua guarda ou eliminação, contribuindo para a racionalização dos arquivos e eficiência administrativa, bem como para a preservação do patrimônio documental” (Bernardes, 1998, p. 14). De acordo com Bellotto (2006, p. 115) é essencial compreender os valores e a idade dos documentos pois “esses aspectos estão intrinsecamente ligados, já que o valor é fazer com que o documento ‘mereça’ adentrar a terceira idade e aí obter seu direito à perenidade de conservação”. A autora também afirma que esse “merecimento” é mais do que um fluxo ordenado, é essencialmente “da proveniência¹⁹, da função e da natureza do conteúdo das séries documentais²⁰”. Na literatura arquivística cita-se Jenkinson (1922) e o já mencionado Schellenberg (1956) como precursores da área. Os autores apresentam visões diferentes sobre o processo: enquanto Jenkinson entende que os arquivistas não devem participar da avaliação, Schellenberg questiona a responsabilidade do arquivista. Lussana (2012) afirma que essas discussões teóricas foram essenciais para termos novos olhares e novas reflexões dentro da área, possibilitando o desenvolvimento de novas correntes de pensamento. Afirma ainda que:

A avaliação de documentos pode ser compreendida de distintas maneiras, primeiro como um conceito, uma vez que a teorização e reflexão são necessárias para a consolidação da área, também como uma prática, pois muitas instituições e, conseqüentemente profissionais não a realizam com base em nenhuma normativa ou instrumento que a justifique, e por fim, como um processo, pois poderia ser iniciada no momento da produção documental prevenindo a acumulação excessiva (LUSSANA, 2012, p.68).

De acordo com a afirmação, Bellotto (2006, p. 117) declara que “a tarefa mais árdua, a responsabilidade maior do arquivista, é justamente esta: a avaliação, quando ela tem que ser feita a posteriori e não como deveria ser, desde a produção”. Bellotto destaca ainda a importância do arquivista poder contar como a assessoria de administradores, juristas e historiadores. A avaliação não é fácil e requer um alto comprometimento ético do arquivista, em especial, quando se trata de documentos com valores secundários. Hedstrom (2009 p. 249)

¹⁹ Termo que serve para indicar a entidade coletiva, entidade coletiva pessoa ou família produtora de arquivo.

²⁰ Subdivisão do quadro de arranjo que corresponde a uma sequência de documentos relativos a uma mesma função, atividade, tipo documental ou assunto.

alerta para a importância e impacto que as decisões, acerca da avaliação documental podem vir a ter no futuro “ao tomarem decisões acerca de quais documentos são importantes para a preservação permanente, os arquivistas influenciam intensamente na seleção de quais estarão disponíveis para o estudo do passado”. Posição assegurada também para Bellotto (2006, p. 118) que afirma que “em nome da história, o arquivista reivindicou o direito de vida ou morte sobre os papéis”. A seriedade e humildade do arquivista na avaliação se fazem indispensáveis, é uma das principais funções do profissional e também pode ser a mais aflitiva, visto que a decisão de guardar ou não um documento pode influenciar no levante da história de um órgão, acontecimento ou pessoa. Segundo Le Goff (2003, p. 537) “O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente”.

Karnal e Tatsch (2009, p. 21) afirmam que “um documento é dado como documento histórico em função de uma determinada visão de uma época. Isso introduz no conceito de documento um dado importantíssimo: o documento existe em relação ao meio social que o conserva”. Os documentos históricos podem conter informações que nos ajudam a entender como certas sociedades se organizavam, pois diferente da pesquisa em documentos oficiais, que contam a história de personagens já conhecidos, guerras, eventos políticos e sociais que constam nos livros de história, olhar para esses documentos com uma perspectiva diferente pode revelar outras explicações e questionamentos sobre o predomínio da história. Documentos oficiais contam a história de personagens com poder e foram protagonistas, mas de igual importância é a história de quem não teve o poder de ser protagonista e ter sua história registrada, como afirma Le Goff (2013, p. 495) “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Só a análise do documento “[...] permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (Goff, 1990, p. 545).

Para esses novos objetos de estudo, novos documentos surgirão, produzindo novas interpretações para os mesmos fatos. Assim, Maia (2003, p. 1) esclarece que “preservar o patrimônio documental²¹ [...] é dever do estado e direito da comunidade, que pretende ver conservada a memória de fatos e valores culturais da nação”. Vera Dodebei, referência na área arquivística enfatiza que “o patrimônio deve ser compreendido como o conjunto de informações que caracterizam as ordens de significado dentro de um grupo, povo ou nação”

²¹ Conjunto dos arquivos de valor permanente, públicos ou privados, existentes no âmbito de uma nação, de um estado ou de um município.

(Dodebei, 2005 p. 47). Nunca é demais destacar que fontes de importância à História jamais serão reencontradas se forem destruídas. “Algumas lacunas historiográficas estão condenadas a nunca serem preenchidas por falta de fontes comprobatórias” (Bellotto, 2006, p.124). Por isso, entende-se a necessidade de colaborar com o registro e preservação da documentação referente à etnia negra na cidade de Erechim. Muitos registros se perderam ao longo do tempo, e a construção de fontes recentes ajudam a preservar e afirmar as contribuições culturais que os pretos erechinenses desenvolvem. A busca pela cultura de diferentes povos, práticas religiosas e relações humanas que também engendram a história tem crescido, percebe-se um aumento das publicações de arquivistas em torno da história de povos, sociedades e comunidades que carecem de registros documentais para pesquisa, gerando assim novas fontes documentais. Como afirmar Duchein:

A mudança temática dos estudos históricos, que cada vez mais se dedicam à análise dos tempos recentes e muito recentes, na medida em que o estudo da história contemporânea tende a ser confundido com a ciência política, a sociologia, a economia política: daí que os historiadores hoje exigem a consulta de documentos cada vez mais atuais e variados. (DUCHEIN, 1983, p.12 tradução nossa)²².

O processo de estabelecimento de novos arquivos para atender a comunidades construídas ao redor de uma identidade comum ou que buscam ativamente por novos tipos de documentação, “no intuito de preencher espaços vazios no registro histórico, obrigou os arquivistas a se envolverem mais com a avaliação e a destinação” (Hedstrom, 2009, p. 249). Na área da pesquisa acadêmica, a publicação de artigos brasileiros em uma das principais base de dados da área, a Base de Dados em Ciência da Informação - BRAPCI que tem em seu resumo as palavras “novo registro”²³ tiveram um crescimento a partir de 2018 se comparado aos anos anteriores, demonstrando assim o interesse do arquivista brasileiro em colaborar, não somente na prática da avaliação documental, como também na criação de materiais de pesquisa que possam auxiliar no debate dos registros documentais.

2 MEMÓRIA COLETIVA

²² el cambio temático de los estudios históricos, que cada vez más se consagran a analizar épocas recientes y aún muy recientes, hasta el extremo de que el estudio de la historia contemporánea tiende a confundirse con la politología, la sociología, la economía política: de ahí que los historiadores hoy exijan la consulta de documentos cada vez más actuales y variados.

²³ Ver pesquisa em: https://brapci.inf.br/index.php/res/?q=novo%20registro**&type=5&year_s=1972&year_e=2023&p=2

A memória é uma temática discutida e teorizada por diferentes áreas do conhecimento. Começou a aparecer como tema na reflexão epistemológica e passou a ocupar um lugar de questionamentos. A memória pode ser individual ou coletiva e frequentemente é associada como um elemento de construção de identidade de um grupo, de uma comunidade, de uma coletividade. Para ser pesquisada, a temática, precisa de uma delimitação, de uma estruturação para que possa vir a ser a base, ou referência, na formação de identidades. Não se tem aqui o objetivo de mergulhar na temática memória, mas sim ter suporte teórico para a análise dos resultados da pesquisa. No primeiro momento destaca-se a memória como uma temática interdisciplinar, que neste trabalho será tratada a partir dos conceitos de memória coletiva e social por pesquisadores da área da Arquivologia. Adiante, teremos uma breve reflexão sobre como as sociedades têm emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades. E por fim, serão expostas as legislações que garantem o direito à memória.

2.1 MEMÓRIA COMO ESTUDO INTERDISCIPLINAR: A memória individual na construção da memória coletiva

Os arquivos costumam ser tratados como “instituições da memória” com uma missão que inclui preservar e fornecer acesso às provas de ações e decisões. “Embora a literatura arquivística recente esteja repleta de referências à memória social e coletiva, a apropriação de conceitos de memória sofre de simplificação e hipergeneralização” (Hedstrom, 2009, p. 237). Neste trabalho, a memória será tratada como um fenômeno, devido a sua complexidade conceitual, e para conseguir, mesmo que minimamente, dar conta teórica e metodologicamente, adotou-se uma perspectiva interdisciplinar. Apoiar-se na arquivística que trabalha a memória com registros materiais, como um suporte da memória e relaciona-se com a história. A temática é desafiadora visto que, como afirma Hedstrom (2009, p. 238) “não é fácil caracterizar a literatura dos estudos sobre a memória, porque o próprio campo é amplo e amorfo”. Dentre os diversos conceitos destaco o da clássica obra “A memória coletiva” de Maurice Halbwachs. Do ponto de vista do sociólogo francês a memória individual isolada é inexistente já que o indivíduo sempre interage com o meio, e portanto sofre sua influência. Assim o sujeito está inserido na trama coletiva e para afirmar que a memória individual de fato existe ela está sempre aliada a algum episódio social, para Halbwachs:

Se memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória

coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. (HALBWACHS, 2006, p. 49)

Para Halbwachs, embora algumas memórias individuais de acontecimentos isolados não tenham ligação com uma época específica, tendem a ser mais facilmente constatadas por meio de um acontecimento coletivo que marcou a data. O sociólogo aponta que cada memória individual tem sua posição sobre a memória coletiva e “este ponto de vista muda conforme o lugar que eu ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 2006, p. 51). Em concordância, Murguia (2010, p. 21) destaca que, “para o indivíduo, a lembrança é determinada pela maneira como ele codifica a informação no momento em que se relaciona com um objeto, um acontecimento ou um lugar. Enquanto para o grupo, a relevância da lembrança reside na forma pela qual a lembrança chega ao coletivo”. Outra obra muito referenciada nos textos sobre memória é a de Jacques Le Goff, *História e Memória* (1988). No compilado de ensaios, o historiador francês reconstrói o conceito de história usando a origem do termo desde a Antiguidade Clássica até a História Contemporânea, expressa suas opiniões sobre as origens e conceitos de documento e monumento e examina de forma minuciosa o termo memória em diferentes áreas do saber. O autor conceitua memória individual do ponto de vista “do campo científico global” que pende para o lado da psicologia e psiquiatria, segundo Le Goff (2013 p. 387) “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Nas ciências humanas, existem diversos conceitos tanto sobre o que é memória individual como coletiva que geram debates acalorados na área. No âmbito brasileiro dos estudos sobre memória, Chauí (2000, p. 126) afirma que a memória é “inseparável do sentimento de tempo ou da percepção e experiência do tempo, como algo que escoar ou passar”. Já para Murguia (2010, p. 21) “os estudos sobre memória individual focalizam sua atenção nas representações que o sujeito faz do passado, e os estudos de memória coletiva, na negociação para a construção da memória que usará o passado para a criação de uma identidade coletiva”. Na ciência da informação a arquivista norte-americana, Margaret Hedstrom, sintetiza ambos os conceitos:

A memória coletiva é normalmente definida como a representação que um grupo cria do seu passado em termos de origens, valores e experiências compartilhadas. Esta se distingue da memória individual devido à ênfase sobre representações comuns de

eventos e experiências passadas, alguns dos quais acontecidos muito antes do nascimento de qualquer indivíduo vivo. (HEDSTROM, 2009, p. 240)

Memória é uma temática que pode conquistar o pesquisador pela sua complexidade e massa de pesquisas que a envolvem. Como citado anteriormente, é objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, o que a torna uma temática interdisciplinar, como afirma Gondar (2005, p. 13) “ainda que possa ser trabalhado por disciplinas diversas, o conceito de memória, mais rigorosamente, é produzido no entrecruzamento ou nos atravessamentos entre diferentes campos de saber”. A interdisciplinaridade, assim como a memória, é objeto de estudo em diferentes áreas. Nas ciências humanas, a maioria dos autores da área, afirmam que a interdisciplinaridade não tem conceito, alguns autores afirmam que conceituar interdisciplinaridade é limitá-la a uma disciplina. No que diz respeito a prática metodológica, Gondar (2005, p. 14) afirma que “na interdisciplinaridade, tem-se igualmente um mesmo tema sendo trabalhado por disciplinas distintas, porém os discursos acerca desse tema são postos em diálogo”. No que diz respeito a esse trabalho, a memória, na sua perspectiva coletiva e a arquivologia, dialogam em torno da importância dos registros documentais e sua criação para a afirmação e garantia da memória e história da comunidade negra de Erechim. Cada uma desempenha um importante papel na garantia desse direito²⁴ pois a “memória na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos Trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (Le Goff, 2013, p. 437). Na arquivologia é a avaliação documental que tem papel fundamental na preservação da memória:

Através da avaliação, a memória coletiva tornou-se não só uma metáfora para o arquivo, mas um local em que as decisões e escolhas dos arquivistas podem ser colocadas em prática, o que determina quais histórias podem ser escritas e o que as sociedades podem lembrar coletivamente. Todos esses avanços desafiam o papel dos arquivistas como guardiões neutros e objetivos. (HEDSTROM, 2009, p. 249)

Para Le Goff foi com a evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, que foi possível entender a importância do papel da memória coletiva. Com o reconhecimento e aumento do entendimento da história como ciência e culto público, e ao mesmo tempo, “reservatório da história”, abundante em arquivos “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (Le Goff, 2013, p. 435). A memória quando não registrada

²⁴ Direito constitucional a memória será abordado no próximo item do capítulo.

se torna uma lembrança, que para Halbwachs (2006, p. 71-72) “é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente. (...) Podemos chamar de lembranças muitas representações que repousam, pelo menos em parte, em depoimentos”. Depoimentos ou história oral, em um primeiro momento, era um método antropológico que se tornou uma metodologia cada vez mais utilizada por pesquisadores da área das ciências humanas que buscam fontes não registradas nos arquivos de acordo com Ricoeur (2007, p. 176) “o testemunho é originariamente oral; ele é escutado, ouvido. O arquivo é escrito; ele é lido, consultado”. Nesse sentido, Dodebei (2005, p. 49) apresenta as possibilidades de construção de uma memória social “a memória social pode ser construída na dimensão da oralidade e também nas dimensões da escrita e da imagética”. A transmissão de conhecimento por meio da oralidade é conhecida entre as pessoas que pesquisam a história africana, e a cultura do *griô*²⁵ tem se expandido pelo mundo e conquistado adeptos que se inspiram nos griôs africanos e enquadram suas histórias em canções e contos para transmiti-las, em especial, para as crianças, resgatando a tradição da transmissão de conhecimento do mais velho para o mais novo. Como afirma Ricoeur, é importante:

[...] não esquecer que tudo tem início não nos arquivos, mas com o testemunho, e que, apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho, não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente, e que o principal, senão às vezes o único recurso, além de outros tipos de documentação, continua a ser o confronto entre testemunhos. (RICOEUR, 2007 p. 156)

A busca por registros pessoais e de comunidades locais tem crescido entre os pesquisadores e também da população que procura saber sobre seu passado. Como afirma Hedstrom (2009, p. 249) “os arquivistas que atendiam a essas comunidades, por sua vez, buscaram novas formas de documentação, que pudessem ser recolocadas em circulação e auxiliar os membros de uma comunidade a se reconectarem com seu passado”. Essa afirmação reflete o objetivo central deste trabalho, que é buscar uma nova forma de documentação, mais especificamente, o registro documental por meio de história oral, para que a memória da comunidade negra de Erechim não continue a se perder e ficar de fora dos registros oficiais. Murguia (2010, p. 28) afirma que a história oral “até poucos anos atrás se proclama como a história dos oprimidos, daqueles que não tem voz. Uma história não mais preocupada com a veracidade ou não dos acontecimentos, mas com as representações,

²⁵ O termo Griô é uma adaptação para a língua portuguesa do termo francês Griot, que designa os agentes culturais da tradição oral africana que atuam como cronistas, genealogistas, cantores, contadores de histórias, poetas, mestres de cerimônias, entre outras formas de mediação, responsáveis pela transmissão dos saberes para os membros de suas comunidades (SILVA, 2012 p. 60).

traumas e anseios que os indivíduos tecem em torno desses acontecimentos”. Ao optar por trabalhar com as entrevistas gravadas, tem-se o objetivo de também registrar o tom de voz que a pessoa usa em determinado assunto, quando ela sorri, fica triste, irritada, como ela reage às perguntas e as associações com outras pessoas ou locais que o entrevistado faz durante a entrevista. Essas emoções podem falar muito mais do que uma resposta escrita num questionário. Hedstrom (2009, p. 241) afirma que “ao transmitir representações de uma história compartilhada ou um passado comum através de narrativas, símbolos, celebrações, canções, entre outros, a memória coletiva pode ser importante para que grupos criem um senso de identidade e de comunidade”. A busca pela chamada identidade, que será melhor abordada na análise da pesquisa, é um dos principais objetivos de uma pessoa que não tem registros oficiais da sua origem e busca se encontrar nos espaços da cidade. No Brasil, as pessoas negras que buscam a sua ascendência encontram algumas memórias da escravidão, saber de qual país da África seus antepassados vieram requer tempo e muita dedicação, para talvez, quem sabe, encontrar algum registro que confirme sua origem. Le Goff (2013, p. 435) afirma que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. A História de fácil acesso dos negros no Brasil é de que eles foram escravizados. Os quilombos e seus protagonistas, as lutas e estratégias ante e pós abolição dessa população acabam sendo objeto de estudo (exceto quando obrigatório na grade curricular) das pessoas que já tem um histórico de interesses semelhantes e buscam pelo “outro lado” da história.

A memória histórica “oficial” é um lado perverso de nossa história, produzida pelas práticas dominantes para apagar os vestígios que as classes populares e os opositores vão deixando ao longo de suas experiências de resistência e luta, num esforço contínuo de exclusão dessas forças sociais como sujeitos que forjam a história. Pretendem com isso desconhecer, desfigurar e distorcer os embates reais dos “vencidos”, como se estes não estivessem presentes no cenário político (1995, p. 19)²⁶

Nesse sentido podemos dizer que a memória se constitui como forma de (re)afirmação do discurso, dos fazeres e saberes dos grupos minoritários, dos grupos que não têm o poder aquisitivo e político para ter a sua história registrada. Para Hedstrom:

Uma maior consciência de como funciona a memória coletiva ajudou a trazer para dentro dos arquivos uma missão social mais significativa e alinhá-los não só com a

²⁶ *Dossiê dos mortos e desaparecidos a partir de 1964/Comissão responsável Maria do Amparo Almeida Araújo et al., prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns, apresentação de Miguel Arraes de Alencar. – Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995, p. 19.*

preservação do passado e com a produção da história mas com as causas sociais da responsabilidade, justiça, formação de identidade e reconciliação (HEDSTROM, 2009, p. 251).

O entendimento e consciência de como os protocolos arquivísticos, principalmente na avaliação, podem influenciar na história e na memória de uma população, comunidade ou mesmo de uma única pessoa faz o arquivista refletir sobre as suas obrigações. Gondar (2005, p. 17) afirma que “há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do que conservar e do que interrogar. Há nessa escolha uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir “. As fontes arquivísticas podem atuar na construção da memória social e a busca por novas fontes vem crescendo no meio arquivístico, conforme destaca Hedstrom:

Desde a segunda metade da década de 1960, os arquivistas vêm buscando ativamente encontrar documentos pessoais e arquivos de comunidades locais, organizações populares e movimentos sociais que dessem voz a pessoas que estavam escondidas perante a história. Novos arquivos foram formados com a intenção de coletar documentação sobre localidades, gênero, identidade racial e étnica, lazer e vida cotidiana (HEDSTROM, 2009, p. 248).

A consciência sobre o seu papel também desperta no arquivista o senso de trabalho em equipe. “A literatura sobre memória social deixa claro que, ainda que o arquivo desempenhe um papel na construção e persistência da memória coletiva, ele o faz em conjunção com vários outros meios de transmissão de informações” (Hedstrom, 2009, p. 242). O trabalho de resgate histórico é um trabalho coletivo. Pode começar pelo historiador, pesquisador ou mesmo um curioso, mas que para ter os documentos oficiais acessíveis depende do arquivista, que por sua vez, precisa uma comissão de avaliação que compreenda a necessidade de decidir por um documento permanente, que por sua vez, precisa ser criado e ter condições físicas para uso ou mesmo restauro. “A partir dos estudos sobre a memória, em suas manifestações individuais e coletivas, evoluíram, muitas vezes em associação com novas maneiras de registrar e comunicar informações e com o estudo científico da fisiologia e da sociologia da memória” (Hedstrom, 2009, p. 246). O registro em documentos é uma das possibilidades de acesso à memória. Como conclui Ricoeur (2007, p. 179) “um documento de arquivo está aberto a quem quer que saiba ler; ele não tem, portanto, um destinatário designado, diferentemente do testemunho oral, dirigido a um interlocutor preciso”. Portanto, a metodologia da história oral, quando transcrita e publicada, contribui para o acesso a memórias que antes eram desconhecidas.

Trabalhar na perspectiva da criação e preservação das memórias coletivas se faz essencial para a sobrevivência das sociedades. Le Goff (2013, p. 390) nos atenta para o

cuidado que as sociedades de poder sempre tiveram em relação a garantir que fossem lembradas no futuro “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. As relações com o passado tem diferentes pontos de vista que nem sempre são compartilhados. Para Le Goff (2013, p. 390) “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora atrasada, ora adiantada”. A memória social de um grupo é um conjunto de saberes e fazeres compartilhados por uma quantidade significativa de sujeitos que as constituem e têm concordância sobre o seu passado. Gondar (2005, p.7) acredita que conceituar memória social implica em ter uma resposta rigorosa à questão “o que é?”, e assim acaba por limitar a memória social “sob uma forma simples, imóvel, unívoca”. A autora acredita que a memória social é complexa e está em constante construção. Assim como a ideia de memória cultural, que de acordo com Hedstrom (2009, p. 241) “é valorizada não por causa de sua exatidão histórica, mas de sua capacidade de estabelecer conexões entre o passado e o presente”. Nesse sentido, Gondar (2005, p. 17) discorre que “tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ele desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar”. E ser “eternamente lembrado” garante que no futuro as pessoas possam se espelhar ou utilizar determinado acontecimento registrado como uma referência, boa ou ruim, para a situação que está acontecendo. E o que garante essa referência é justamente o registro da memória. Como afirma Le Goff:

Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2013, p. 435).

No contexto desta pesquisa, o que se percebe é que a busca das pessoas negras por suas raízes pode deixar o presente de lado, que acaba desnudo de encanto se posto à mesa com o passado. “O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja” (Gondar, 2005, p. 17). Ter registros de hoje nos dá a possibilidade para que amanhã pessoas negras possam ter acesso ao que para elas será o passado, e com isso, espera-se criar o sentimento de pertencimento que hoje nos falta. Como nos provoca Ceravolo (2005, p. 50) “o que nos é legado deve ser bravamente defendido, caso

contrário, o perdemos. Não é assim com a ideia de herança?”. Imaginar um futuro com entendimento do que “é o certo” e portanto o melhor, depende do que sabemos sobre o nosso passado. Como fala Nêgo Bispo (2021) “o presente é interlocutor do passado e um locutor do futuro²⁷”.

2.2 O REGISTRO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

A exclusão da população negra no Brasil ainda é realidade, exclusão em diferentes, variadas e conhecidas formas. Aqui iremos tratar da forma de limitação de memórias registradas, além, da escravidão da população afro-descendente. No presente, muitos pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas do conhecimento têm se dedicado e publicado sobre as contribuições da população negra na construção do País, e na busca por registros das tantas lutas, revoltas e resistências por parte dessa população em relação às inúmeras tentativas de silenciá-las. Garantir o direito à memória, como afirma Huysen (2000, p. 9) “Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades”. As tentativas de esquecimento de um acontecimento são tão importantes de se registrar quanto a memória. Nesse sentido, Le Goff reflete:

Ainda é mais evidente que as perturbações da memória, que, ao lado da amnésia, se podem manifestar também no nível da linguagem na afasia, devem, em numerosos casos, esclarecer-se também à luz das ciências sociais. Por outro lado, num nível metafórico, mas significativo, a amnésia, é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva”. (GOFF, 2013 p. 389)

E quanto às formas de “apagamentos”, Rossi (2010, p. 32) diz que “apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade”. Exemplos disso se encontram, justamente, na diminuta quantidade de massa documental disponível sobre a população negra no Arquivo Histórico da Cidade. Mais do que recuperar o que se tem do passado, é igualmente importante registrar o presente. No Brasil, o registro do Patrimônio Cultural é uma das formas de garantir que a memória de um povo, sociedade ou comunidade venha a ser registrada. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, entende como “patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à

²⁷ Fala proferida em entrevista, trecho da entrevista em: https://www.youtube.com/shorts/55Fr2J_Izmg

ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. As formas de expressão;
- II. Os modos de criar, fazer e viver;
- III. As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”

Todas as formas na tentativa de registro são válidas, pois existe toda uma gama de bens e manifestações culturais significativos como referências de grupos sociais "formadores da sociedade brasileira" (Brasil, 1988. p.126) a que não se podia aplicar, até recentemente, nenhum instrumento legal que os constitui se como patrimônio. Isso significa que muitos deles poderiam desaparecer sem deixar nenhum vestígio, seja material, seja na memória da nação, pelo fato de não terem sido considerados "de valor excepcional" (Fonseca, 2003, p. 59 -79). Em 2003, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (CSPCI) da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) definiu patrimônio imaterial como sendo:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em resposta ao seu ambiente, à sua interação com a natureza e à sua história, e proporciona-lhes um sentido de identidade e continuidade, promovendo assim o respeito pela diversidade cultural e criatividade humana. (UNESCO, 2003).

A preservação do patrimônio é obrigação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, criado em 13 de janeiro de 1937. “Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras” (IPHAN, 2024). Após a promulgação legal, foram criados institutos estaduais com o objetivo de proteger e registrar a memória e a identidade específica da população da região. No Rio Grande do Sul, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado - IPHAE é recente. O IPHAE ampliou sua atuação, passando a salvaguardar bens imateriais a partir da regulamentação do processo de registro de patrimônio cultural imaterial

no ano de 2019. O primeiro bem registrado como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul foi o Sistema Cultural e Socioambiental da Erva-mate Tradicional, em 2023 (IPHAE, 2024).

Considerando a metodologia utilizada pela Constituição Federal de 1988 para definir o patrimônio cultural brasileiro e os bens de natureza material e imaterial, destaca-se que na pesquisa em questão, o patrimônio cultural é entendido como bens materiais e típicos de um grupo ou comunidade, que compreendem a pluralidade que compõe as referências a identidades e à memória de um grupo. Para Strauss (2001, p. 24) todo patrimônio é composto de materialidade e um conjunto de significados culturais, sendo um “conjunto único e coerente de manifestações múltiplas, complexas e profundamente interdependentes dos inúmeros componentes da cultura de um grupo social”. José Reginaldo Gonçalves (2003) destaca a ambiguidade do patrimônio material e imaterial, e orienta os pesquisadores a examinar com atenção o sentido do termo. Segundo o autor, por ser uma palavra utilizada por diferentes áreas do conhecimento e segmentos da sociedade, acaba por ter significados distintos dependendo do contexto que é empregado.

Diversos debates aconteceram no Brasil em torno da preservação da memória social para que o registro fosse, de fato, institucionalizado. De acordo com Teixeira e Reis (2013, p. 204) “sua institucionalização advém do posicionamento das instituições regulamentadoras das políticas culturais brasileiras face às recomendações internacionais de valorização da diversidade e proteção ao patrimônio cultural, em destaque nas discussões mundiais nas últimas décadas”. Mas foi com o decreto 3.511 de 4 de agosto de 2000, que foi instituída, na prática, a legislação que determina a sua obrigatoriedade:

Em 4 de agosto de 2000 foi publicado o Decreto nº 3.551, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e definiu um programa voltado especialmente para esses patrimônios. O registro é um instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial do Brasil, composto por bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Esse instrumento é aplicado àqueles bens que obedecem às categorias estabelecidas pelo Decreto: celebrações, lugares, formas de expressão e saberes, ou seja, as práticas, representações, expressões, lugares, conhecimentos e técnicas que os grupos sociais reconhecem como parte integrante do seu patrimônio cultural.(IPHAN, 2024)

Segundo Strauss (2001, p. 26) , o decreto trouxe a solução do problema ao integrar, “[...] num mesmo dispositivo, a prodigiosa diversidade e a infinidade de aspectos das inúmeras criações culturais reunidas na denominação genérica e cômoda, mas certamente simplificadora, de patrimônio imaterial [...]”. Fonseca (2003) também está de acordo que no Brasil, foi a publicação do decreto 3.551/2000, que contribui de forma prática para a

reorientação de pesquisa em mapear, documentar e analisar as diferentes manifestações da cultura brasileira, que se empenham em construir a "identidade cultural" das regiões em que são situados. De acordo com o Iphan (2015) “os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares”.

Em seguida, será exposta, de forma objetiva, como funciona o processo de tombamento de um bem imaterial, e nesse processo cria-se novos questionamentos acerca do que deve, ou não, ser registrado. O Iphan (2015) ressalta “a importância da preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro por meio de inventários, registros e ações de salvaguarda”. O principal objetivo é salvaguardar tradições culturais, para que o conhecimento adquirido pelos ancestrais possa continuar sendo transmitido por outras gerações”.

Mas antes da atividade de identificar um bem material ou imaterial, é imprescindível a movimentação em torno do tombamento, que se antecede de um registro. De acordo com Teixeira e Reis (2013, p. 205) “às intuições nacionais passaram a se preocupar com o desenvolvimento de uma metodologia específica que pudesse ser aplicada ao trabalho de proteção dos bens culturais imateriais brasileiros”. Foi criada então a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, que é “um instrumento de produção de conhecimento e documentação utilizado pelo Iphan para a identificação de bens culturais de natureza imaterial” (IPHAN, 2015). O método de pesquisa desenvolvida pelo IPHAN tem como objetivo “produzir conhecimento sobre os domínios da vida social”:

Através dele são identificadas as referências culturais, ou seja, aquelas práticas e bens culturais considerados os mais importantes para uma comunidade porque articulam sentidos de pertencimento e de identificação, dizem respeito à memória e à identidade das pessoas que neles se reconhecem. As referências culturais são identificadas em cinco categorias: Celebrações, Ofícios e Modos de Fazer, Lugares, Edificações e Formas de Expressão. (IPHAN, 2015).

Teixeira e Reis (2013, p. 205) afirmam que a INRC é “resultado de anos de estudos, diagnósticos, teorizações e planejamento no sentido de criar instrumentos que pudessem garantir às gerações futuras o acesso à memória e às referências culturais constituintes da sua identidade”. Os bens imateriais são registrados em livros específicos, como determina a legislação 3551/2000. O registro é fundamental para a proteção do patrimônio imaterial, ele se iguala ao tombamento, quando comparado a proteção do patrimônio material. “A inscrição do bem cultural imaterial em um dos livros corresponde à identificação e produção de

conhecimento sobre este bem e garante pelo menos que as informações sobre a prática cultural registrada não desapareçam” (Teixeira e Reis, 2013 p. 204). O ato de registro é uma das atividades primordiais para a proteção do patrimônio cultural, principalmente para o imaterial, já que essa é a ação que configura a preservação:

No caso do patrimônio imaterial o reconhecimento, o registro e a elaboração de um plano de salvaguarda a fim de garantir a continuidade das formas de expressão, rituais, lugares e celebrações, manifestações culturais repletas de referências simbólicas, de significado para as comunidades de origem. Destina-se especialmente à proteção de bens culturais pertencentes às comunidades de forte tradição cujas informações transmitidas oralmente pelos mestres da tradição às gerações futuras se encontram sob o risco de ver cair no esquecimento o conhecimento sobre os modos de ser e de viver daquele grupo.(TEIXEIRA; REIS, 2013 p.205)

Eduardo Murguia (2010, p. 8) nos lembra que “toda memória, oficial ou não, precisa de um enquadramento, de uma organização para que possa vir a ser um elemento importante na formação das identidades”. O tratamento adequado e de acordo com a legislação garante o registro confiável, mas é importante que as formas de registros acompanhem as mudanças nos suportes e nas maneiras de expressão que configuram patrimônio imaterial. Strauss (2001, p. 27) esclarece que: “gostos, necessidades, modos de vida, valores e representações sempre evoluíram e continuarão a fazê-lo e, se uma comunidade abandona uma prática social, não há como se opor. O que pode ser feito [...] é inventariar, estudar e conservar (...)” O objetivo do registro é garantir que as próximas gerações tenham conhecimento do seu povo e da evolução do modo de vida que eles tiveram, mas para isso, é necessário que o acesso aos centros de informação seja difundido como um ambiente para todos os cidadãos, é preciso romper com o pensamento comum à maioria das pessoas, de que arquivos, bibliotecas e centros de documentação são somente para pesquisadores e estudiosos. Como afirmam Abreu e Chagas (2003, p. 65) “(...) a ação de proteger foi precedida pelas ações de identificar e documentar, seguida pelas ações de promover e difundir, que viabilizam a reapropriação simbólica e, em alguns casos, econômica e funcional dos bens preservados”. Os registros só fazem sentido quando consultados e utilizados pela população a quem eles dizem respeito. Como essa população vai se interessar por esses registros se ela, muitas vezes, não tem conhecimento que isso existe. Por isso, nesta pesquisa, a participação de pessoas, de diferentes realidades e formas de compreensão sobre a importância de ter o seu trabalho registrado colabora com a difusão do arquivo e de que ele é para todas/os. Abreu e Chagas (2003, p. 65) afirmam que “é necessário, além disso, uma mudança de procedimentos, com o propósito de abrir espaços para a participação da sociedade no processo de construção e de apropriação de seu

patrimônio cultural”. As pessoas são fundamentais para preservar a memória que envolve práticas sociais difundidas e exploradas pelos pesquisadores. É preciso ter consciência de que memória e patrimônio dizem respeito às pessoas e comunidades e não meramente a um determinado objeto de pesquisa. “(...) implica um processo de interpretação da cultura, como produção não apenas material como também simbólica, portadora, no caso dos patrimônios nacionais, de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos (...)” (Abreu e Chagas, 2003, p. 67). É importante promover a preservação da memória, cumprindo com os processos metodológicos, mas também criando pontes entre a população e os seus bens materiais, com o objetivo de contribuir com a identificação delas com seus patrimônios.

Dentre os benefícios do registro, Fonseca (2003) destaca que a preservação da memória de manifestações, como interpretações musicais e cênicas, rituais religiosos, conhecimentos tradicionais, práticas terapêuticas, culinárias e lúdicas, técnicas de produção e de reciclagem, a que é atribuído valor de patrimônio cultural, tem uma série de efeitos. Fonseca (2003, p. 60) cita algumas delas:

- Aproxima o patrimônio da produção cultural, passada e presente;
- Viabiliza leituras da produção cultural dos diferentes grupos sociais, sobretudo daquelas cujas tradições são transmitidas oralmente;
- Cria melhores condições para que se cumpra o preceito constitucional do "direito à memória" como parte dos "direitos culturais" de toda sociedade brasileira;
- Contribui para inserção em novos sistemas, como o mercado de bens culturais e do turismo.

Preservar essas manifestações é contribuir para com o orgulho cultural e identidade a um modo de vida que vai além do lazer dos jovens negros de Erechim, que é uma forma de se expressar e contribuir para a construção identitária dessa população. No Rio Grande, foi o Inventário Nacional de Referências Culturais Massacre de Porongos, o primeiro INRC que reforça a presença negra na história do Estado. A pesquisa foi feita por historiadores, geógrafos, antropólogos e fotógrafos e colabora para uma visão de representatividade da população negra na construção da memória do Estado. Nas palavras²⁸ do historiador que compôs a equipe, Cristian Salaini (2008):

²⁸ Ver reportagem em:

<https://www.extraclasse.org.br/movimento/2008/06/concluido-inventario-do-massacre-de-porongos/#:~:text=%E2%80%9CA%20presen%C3%A7a%20negra%20no%20estado,e%20a%20falta%20de%20cuidado.>

Creio que o inventário é um propulsor da memória dos grupos sociais que compõem a diversidade brasileira. Uma das vantagens é que ele privilegiou a organização de referências bibliográficas sobre o tema. É uma pesquisa que promove a possibilidade de entender as práticas, memórias, os saberes de grupos como fundamentais para a reprodução social.

Em Março de 2008, a Assembleia Legislativa aprovou o projeto de lei do deputado Raul Carrion, que tem por fim “preservar o patrimônio afrobrasileiro, definido como toda a manifestação, produção ou obra de natureza material e imaterial que se refere à identidade, à ação, ao modo de vida ou à memória dos povos de origem africana”²⁹. São notáveis as crescentes pesquisas em torno do registro da população negra no Rio Grande do Sul, o que contribui com o sentimento de que sim, somos um Estado diverso e pluricultural, que vai além da colonização europeia. Mas muito ainda precisa ser feito nesse sentido, visto que em pleno ano de 2024 o próprio Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em entrevista relata ter ficado surpreso ao “descobrir” que tem “tanta gente negra no Rio Grande do Sul”³⁰. Com essa pesquisa, mesmo que minimamente, espera-se que contribua para acabar com a falácia de que somente existem pessoas brancas, na cidade e no Estado.

²⁹<http://proweb.procergs.com.br/Diario/DA20080221-01-100000/EX20080221-01-100000-PL-186-2007.pdf>

³⁰<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/brasil-hoje/2024/05/em-ato-no-rs-lula-diz-que-nao-sabia-que-estado-tinha-tantos-negros-veja-video.shtml>

3 A PESQUISA QUE NOS ESCOLHE OU NÓS QUEM ESCOLHEMOS A PESQUISA?

Neste capítulo serão apresentados os caminhos que foram percorridos para que fosse possível determinar a metodologia. Informa-se quando e onde o estudo foi realizado e justifica-se o número de participantes da pesquisa, como foram selecionados e convidados a participar da pesquisa e como foi realizada a devolutiva dos resultados aos participantes. Mas, para além de afirmações e dados quantitativos, acredito ser importante pensar o motivo que move uma pesquisadora a se dedicar e pensar a pesquisa, refletindo sobre a forma como ela foi se construindo e se modificando.

Durante o período das aulas era tema comum o questionamento do porque escolhemos pesquisar sobre determinado assunto. Muito se ouvia de ex-alunos do programa, e também, dos professores, que: “dois anos passa rápido, quando se der por conta acabou”. De fato, os dois anos passaram muito rápido. Mas o que não contam é o quão intenso são esses dois anos. Que quando pensamos em prazos, parecem dois dias. Quando pensamos na quantidade de leituras, palavras escritas e apagadas, parecem dez anos. Daí a importância de se amar o que se pesquisa.

E não escolhemos a temática. Até podemos nos iludir e achar que sim, que foi uma escolha racional. Mas a dedicação necessária para uma pesquisa não necessita somente de racionalidade, mas de paixão. A gente se apaixona por o que já conhece. Como amar o desconhecido? A emoção e curiosidade em se afogar sobre aquilo que desperta nosso espírito desbravador. O prazer em passar horas lendo sobre um assunto. A perda da noção do tempo enquanto escrevemos. A solidão é acompanhada pelo cheiro de café. Conversar consigo mesmo através das perguntas e reflexões feitas em voz alta. A pesquisa nos escolhe.

3.1 TRILHANDO A PESQUISA

A pesquisa parte, como indicado na introdução, da falta de sentimento de pertença a um lugar, nesse caso, a cidade de Erechim. E partindo da ideia de delimitar a pesquisa, essa foi a primeira fronteira traçada: a cidade. A segunda foi totalmente emocional: em um período da minha vida em que busco vestígios sobre minha família, saber até onde consigo chegar na construção da árvore genealógica. A surpresa em descobrir histórias dos mais diferentes

gêneros cinematográficos, muitas, de fato, dignas de um roteiro de filme. Entre tantos conflitos e descobertas sobre esse aspecto da minha vida, eu descobri que a busca por histórias da minha mãe, avó e bisavó, que o interesse por fotos e saber o contexto delas, a leitura de documentos na gaveta do guarda roupas da minha avó era pesquisa, como destaca Minayo (2022, p. 13) “(...) as sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais determinações que constroem seu futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo”.

Durante o processo de escrita deste trabalho, por vezes, achei estar procrastinando quando lia alguma coisa que “fugia” da temática ou quando assistia um documentário ou filme que abordam algum aspecto racial, eu estaria perdendo tempo. Foi um tempo, mas percebi o quanto essas “escapadas” da pesquisa me ajudam agora, na hora em que eu devo descrever o processo de criação desse trabalho. Acredito que deveria ter uma página de referências que não foram citadas.

Essas reflexões e conflitos internos foram valiosas para obtenção dos dados primários da pesquisa. Como afirma Minayo (2022 p. 12), “a pesquisa social se faz por aproximação, mas, ao progredir, se elabora critérios de orientação cada vez mais precisos”. Essa pesquisa não começou com dados quantitativos, essa pesquisa começou com conversas. Ela depende dos relatos de participantes, de pessoas com fenótipos parecidos com os meus. Pensar em cidade, também é preciso pensar em bairros, e pensar em bairros nos leva a pensar em diferentes, e muitas vezes, opostas realidades. É nesse contexto que a interdisciplinaridade se mostra essencial para compreender e se aproximar das diferentes realidades:

[...] o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de a conter. (MINAYO, 2002, p.15)

Dessa forma, a triangulação de dados foi o método escolhido para tratar os dados obtidos e assim contribuir e compreender as plurais realidades das pessoas negras de Erechim. Concorde-se com a afirmação de que “[...] a triangulação não é um método em si. É uma estratégia de pesquisa que se apoia em métodos científicos testados e consagrados, servindo e adequando-se a determinadas realidades, com fundamentos interdisciplinares” (Minayo, 2005, p. 71). A escolha dessa forma de organização dos dados também se deu a partir das possibilidades que ele proporciona e garante certa autonomia.

O primeiro procedimento foi a busca por eventos com temáticas da etnia negra na cidade de Erechim. A pesquisa foi nas redes sociais, o que nos faz refletir sobre novas fontes de informação, a participação nesses eventos, ou ao menos em boa parte deles, e o contato com os organizadores. Nesses eventos, observou-se, em sua maioria, a presença das mesmas pessoas, ora envolvidas na produção do evento, ora como participantes. Partimos para entrevistas de história oral, com questionário semi-estruturado. As técnicas adotadas se integram e possibilitam uma visão da vivência das pessoas nas interações sociais e na forma subjetiva. Adotar uma abordagem qualitativa, dentro das Ciências Sociais, foi essencial para garantir a pluralidade da comunidade negra da cidade:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. (...) com um universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2022 p.20)

Seguindo com a pesquisa social empírica, foi utilizada a entrevista com uso de gravador e anotações em caderno de campo, após a entrevista e despedida do entrevistado, foi feito registro de emoções e gestos que não são perceptíveis na gravação da voz com objetivo de conseguir o máximo de dados possíveis, o que torna, segundo Minayo (2022), a entrevista um método de coleta de dados privilegiado:

Para as pessoas é a possibilidade que tem a fala de ser reveladora de condições de vida, da expressão dos sistemas de valores e crenças e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, por meio de um porta voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor (MINAYO, 2022 p. 58)

A entrevista proporcionou conhecer pessoas e suas diferentes percepções acerca da cidade, entender as diferentes noções e opiniões acerca de um mesmo assunto. É como poder sentir a pesquisa se modificando e construindo-se a partir da coletividade. Dar voz a pessoas que, muitas vezes, querem gritar e expor suas opiniões, mas não a fazem porque não é dada oportunidade. Sentir a gratidão por ter, mesmo que limitado, proporcionado um espaço para que elas deixem seu recado vale todo o esforço que uma pesquisa exige.

3.2 INCORPORANDO O ESPÍRITO DA PESQUISADORA

A pesquisa em suas diferentes fases nos agradam e nos entediam. A fase exploratória despertou a curiosidade e foi preciso pisar no freio e entender que era a hora de parar. A pesquisa bibliográfica, em especial sobre a temática memória, pode ser sedutora, assim como fala Andreas Huyssen no clássico *Seduzidos pela memória* (2000). Uma temática que fez questionar-me até mesmo se eu sabia ler, devido a sua complexidade e diferentes formas de interpretação. Quando pensava que tinha, mesmo que minimamente, entendido tal conceito de um autor, vinha outro contestar aquele com referências totalmente novas e desafiadoras. Determinar o que de fato, neste momento, interessava para construção desse trabalho foi difícil e exigiu muitas conversas com o orientador. Quanto à parte da Arquivologia, que eu até então achava mais “tranquila” por ser minha área de formação, se mostrou incrivelmente evolutiva nos últimos anos. Foi preciso rever conceitos e problemáticas da área, trazendo à tona a famosa frase “não se pode parar no tempo, independente da área de formação”.

O primeiro passo para pesquisa de campo foi a definição dos participantes. Entendendo a pluralidade que envolve, o que num primeiro momento foi chamado de “comunidade”, e com número limitado de pessoas que poderiam ser entrevistadas, devido ao tempo disponível, definiu-se entrevistar pessoas que atuam nas diferentes formas de manifestação pública da negritude na cidade, com objetivo de conhecer e registrar um pouco da realidade de cada uma delas por meio de um representante dos/as:

- Imigrantes Haitianos;
- Mulheres que atuam na valorização do cabelo afro;
- Artistas e professores de *break dance*;
- Imigrantes Africanos;
- Rappers e mestres de cerimônia (MCs);
- Pesquisadores e professores;
- Sacerdotes de uma das religiões afro-brasileiras;
- Pessoas migrantes de outro estado;
- Professores de capoeira.

Obviamente que muitas outras formas de evidenciar as negritudes presentes na cidade faltam nesta lista, assim como pessoas igualmente importantes às que foram entrevistadas. Mas se faz necessário esse recorte devido a diversos fatores, como o já mencionado prazo

para finalização da pesquisa, disponibilidade de agenda e o próprio limite em conhecer todas as pessoas envolvidas em projetos da temática na cidade, impossibilidade de participação de alguns convidados por motivo de doença, etc. Todas as pessoas entrevistadas residem, atualmente, na área urbana da cidade de Erechim e todas se identificam como pessoas pretas.

As entrevistas ocorreram no período de 23 de Janeiro a 17 de Fevereiro de 2024, a mais curta durou 33 minutos e a mais longa 52 minutos. Destas, sete no período da manhã e duas no período da tarde. Foi oferecido o Laboratório de História Oral da UFFS no campus Erechim para a gravação da entrevista, mas por conta da distância entre o campus e a cidade, a segunda opção foi o Arquivo Histórico da cidade, onde ocorreu a maior parte das entrevistas, ou num lugar onde o entrevistado ficasse mais à vontade, a fim de possibilitar “não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo” (Neto, 2002, p .51). Entende-se que dar opções de local da entrevista contribui para que o participante fique a vontade, percebeu-se que os que foram entrevistados no ambiente do Arquivo Público seguiram uma linha mais acadêmica, enquanto os entrevistados no ambiente de sua escolha pessoal, ficaram mais à vontade para falar de experiências pessoais. Ambas as experiências com o local da entrevista foram de grande valia e contribuíram para experiência com a metodologia adotada.

4 DEIXA QUE OS PRETO DISCORRA

Aqui apresenta-se os resultados das entrevistas. Todas as nove entrevistas foram essenciais para compreender de antemão que a “comunidade negra” da cidade de Erechim está espalhada por diversos lados da cidade e muitos são os questionamentos levantados. Com o decorrer das entrevistas percebeu-se a necessidade de falar sobre a cidade e seus diferentes espaços geográficos, sobre a história de Erechim e como ela foi construída para uma parte da população e destruída para outra, assim como, se aprofundar na questão do que é cultura e o que é identidade. Mas existe um prazo e é preciso organizar esse tempo com outras demandas da vida, então essas pautas não serão debatidas nesse momento. Aqui apresenta-se nove realidades diferentes, nove formas de entender o que é ser preto no interior do Rio Grande do Sul, nove pessoas com diferentes graus de instrução, nove pessoas com diferentes formas de acesso ao que deveria ser público, nove pessoas que trabalham com diferentes formas de cultura negra, em comum todas têm o entendimento de que a cor, o tom da pele, faz sim diferença na forma em que a gente se vê, ou não, na cidade.

Identificou-se diversos e diferentes projetos que promovem a cultura afro-brasileira na cidade, diferentes formas de expressão. Algumas opções de lazer ao longo do ano e poucos espaços oferecidos para expressar e afirmar a negritude da cidade. A maioria dos entrevistados não tem um retorno financeiro quanto à sua dedicação à difusão de seus trabalhos referentes à cultura negra, a frase “eu faço por amor” foi dita em mais de uma entrevista. Outra questão abordada foi em relação à satisfação com os serviços públicos de apoio à cultura no município e o acesso ao público de que é protagonista. As entrevistas começam com uma breve apresentação do convidado, seguida de um resumo da entrevista. A ordem aqui apresentada é aleatória, as falas dos entrevistados foram transcritas de acordo com as gravações, respeitando dialetos e formas de expressão. O título do capítulo é de uma música composta por Nego Max e Preta Ary³¹, intitulada “O rap é preto”, a frase na sua totalidade é “Bagunçaram a nossa história, deixa que os preto discorra” que é um dos propósitos das entrevistas.

³¹ Música e clipe em: https://www.youtube.com/watch?v=XRIYLCsO_k4&ab_channel=EricksonMax

5.1 Babu, presidente da associação dos africanos

Babu é natural da Gâmbia, oeste da África, veio para o Brasil em 2010, passou por outros estados até decidir estabelecer residência em Erechim no ano de 2014, a decisão se deu por conta das oportunidades de trabalho e por ter gostado da cidade. Babu relata que toda vez que um grupo de africanos chega numa cidade eles criam uma associação, nas palavras de Babu: “Em todo lugar que nós moramos, a gente forma uma associação”. Quando questionado sobre a relação da associação dos africanos, da qual ele é presidente, com os outros movimentos étnicos da cidade ele responde:

Nós, aqui na cidade, sempre nos viramos sozinhos. Entendeu? Sem nenhum apoio de nenhum movimento aqui na cidade. Porque não tem nenhum movimento aqui na cidade que apoiou a associação dos africanos. Isso não tem. Nunca aconteceu, porque eu sempre fui presidente aqui da cidade, da nossa associação. Nunca, ninguém procurou a gente. Às vezes as pessoas prometem. Ah, a gente vai querer fazer isso ou aquilo. Daí depois... mostram as costas, vão fazer as coisas deles. Nunca procuraram gente, nunca fizeram nenhuma atividade conosco.

A associação dos Africanos na cidade de Erechim é independente, legalizada e totalmente consciente dos seus direitos e obrigações. Acontecem encontros quinzenais e também celebrações religiosas. Babu relata que embora independentes, seria interessante uma união entre os movimentos negros da cidade e que eles estão sempre abertos a convites e parcerias e afirma:

Se outros movimentos vêm, ah, nós queremos a ajuda de vocês, nós queremos trabalhar com vocês, juntos, eu sempre falei que são bem-vindos. Entendeu? Porque a força é maior. Tipo, se a gente fazer força, tipo assim, se tem um movimento negro aqui em Erechim, que vem procurar a gente, para trabalharmos juntos, a gente vai trabalhar juntos. Entendeu? A gente vai, a gente vai gostar disso, eu sempre falei isso. A gente gosta disso, para trabalhar juntos, para a coisa ter mais força. Entendeu? Tipo, se acontecer alguma coisa assim, ah, nós somos aí estrangeiros, de repente, os próprios brasileiros que moram aqui, eles sabem mais direitos, eles sabem mais leis, entendeu? Eles sabem mais coisas. Então, se eles vêm para se associar com nós, para trabalhar junto com nós, aí isso ajuda, entendeu? Mas, por enquanto isso não acontece, daí nós vamos se virando sozinhos, entendeu?

Babu já recebeu vários convites de professores e diretores de escolas para palestrar e ensinar, de forma voluntária, sobre as culturas Africana e sempre aceitou esses convites e continua aberto a novas oportunidades de expor e explicar essa cultura que ele tem muito orgulho. Assim como aprendeu cultura brasileira e gaúcha diz ser bem vindo todos e todas

que queiram aprender com ele. E finaliza falando sobre a importância da inclusão dos estrangeiros no País e da falta que um espaço fornecido pelo poder público para que os estrangeiros possam usar para fazer suas reuniões e atividades culturais, segundo Babu:

Então, isso está faltando. Tipo assim, se eles tivessem ajudado as pessoas para ter um local cultural, aqui, isso acho que deveria ser mais fácil. Mas acho que eles têm que fazer isso porque eles querem. Se eles querem incluir pessoas dentro da cultura Erechinense, é fácil para eles fazer isso.

5.2 Wilky, presidente da associação dos Haitianos

Wilky é haitiano e está há oito anos no Brasil e seis em Erechim. Veio para a cidade para estudar, atualmente cursa arquitetura e urbanismo na Universidade Federal da Fronteira Sul. Atualmente é o presidente da associação dos haitianos na cidade, associação que foi fundada em 2016 e tem objetivo parecido com a dos africanos, acolher as pessoas que vêm do Haiti para o Brasil. A associação é regional, mas Wilky tem contato com algumas das outras associações do País, como a de Chapecó e do Paraná, tem-se o objetivo de unir todas e criar a associação dos haitianos no Brasil e no futuro criar uma confederação junto com as outras associações de estrangeiros. No âmbito da cidade, o objetivo é conseguir um lugar de referência para os haitianos que chegam em Erechim. De acordo com Wilky: “Agora nós estamos numa luta para conseguir um espaço, um espaço para colocar a associação. E as pessoas que precisarem, podem saber que a associação tem esse endereço para para vir e pedir. Porque nós estamos aqui para ajudar”. Quando indagado sobre o conhecimento de alguma atividade ou movimento negro na cidade de Erechim, Wilky responde:

Eu não vi atividades de negros aqui em Erechim. Nós haitianos que estudamos na UFFS, temos uma oportunidade que a UFFS abre para nós, num momento específico, que é o momento 18 de maio, que é o dia da bandeira do Haiti. Eu tive uma reunião com um representante da prefeitura. Eu falei sobre isso, dá possibilidade de ter esse dia para que os haitianos que trabalham nas empresas pudessem participar conosco para fazer o evento. E daí, ele disse que é complicado, que não tem como fazer isso para nós.

Quanto a convites de outros movimentos da cidade, seja para integração cultural ou para ensinar sobre a cultura haitiana, Wilky responde: “não que me lembro. Só pra uma atividade que os negros sempre fazem na universidade. Acho que é... é o dia da consciência negra”. Questionado do porquê da falta desses convites, ele responde:

Não sei. Porque algumas pessoas se aproximam para falar comigo, que eles estão

sempre na dúvida de convidar os haitianos para participar em algumas atividades, porque não sabem se poderiam entender ou falar português. Mas a minha resposta é sempre a mesma: se você não abordar a gente, você não vai saber se a gente pode falar ou não.

Wilky relata que agora que está à frente da associação conseguiu um curso de formação para os haitianos sobre a legislação criminal e trabalhista. A questão do trabalho, segundo Wilky, é um grande desafio. Primeiro por conta da desvalorização profissional, muitos haitianos com diplomas e qualificações profissionais para atuar nas mais diferentes áreas, como contabilidade e direito, não têm oportunidade para trabalhar em sua área de formação nem de prestar concurso público, ele compara essa realidade com Chapecó:

Em Santa Catarina eu vejo que as pessoas têm liberdade para comemorar o dia da bandeira. Mas, eu posso dizer que aqui é um pouco atrasado na questão de imigração. Porque em Chapecó tem coisas que já se resolveram. Lá um haitiano que estuda na universidade ou que tem um diploma aqui do Brasil, em Chapecó pode trabalhar na área pública, ou se precisar passar pelo concurso não precisa ser naturalizado. Lá em Chapecó. Mas aqui para participar deve ser naturalizado. Não tem edital para esse público especificamente.

Indagado sobre qual é a maior dificuldade de um Haitino que chega em Erechim, Wilky responde:

É uma questão de integração. Porque existe isso em três países que eu conheço. Estados Unidos, Canadá e França. Um haitiano que chega nesses três países, que têm diploma ou que estuda nesses países, não têm dificuldade de se integrar normalmente à sociedade. Fazer tudo, desde que não esteja fora da lei. Mas aqui... É bem difícil. Bem difícil. Porque tem coisas que podemos trocar, fazer com a comunidade. E também participar no desenvolvimento da cidade.

5.3 Natan, o Mc

Natan tem 20 anos e é natural de Erechim. É umas das referências da cultura urbana da cidade, coincidentemente seu sobrenome é Urban, como é conhecido entre seus amigos. Atualmente se dedica a produção musical, mas sua carreira na cultura hip hop teve início nas batalhas de rima, que em meados de 2019 acontecia todo sábado na praça Júlio de Castilhos e tinha o nome de Grito da Rua, após um ano rimando nas batalhas começou a participar da organização do grupo CultivaMente que promovia o evento, ele relembra: “Era um evento muito independente, né? Sempre foi assim, porque tipo, todo mundo trabalhava. Todo mundo tinha seus corres secundários e tal. Mas pelo intuito de não deixar o hip hop aqui meio que dar uma espairecida, né? Foi um negócio que incentivou muitos”. Natan conta que na época em

que aconteciam os encontros nunca chegaram a receber incentivo dos órgãos públicos e a opressão policial era um problema, não só pelas interrupções na batalha como na apreensão de equipamentos. Por conta das dificuldades, falta de público e com o começo da pandemia, as batalhas na cidade acabaram. Natan relembra:

Na época em que eu participei não tinha nada. Tá ligado? Tipo... E às vezes que a gente arrumou, a gente acabou perdendo. Por vacilo. Tipo, por exemplo, caixa de som e tal. No ano de 2020, se eu não me engano...a gente pegou duas caixas de som emprestadas e a gente fez uma batalha aqui na Daltro, daí passou 15 minutos. Os cana enquadrou nós e as caixas de som estão na delegacia até hoje. Sabe?

Anualmente acontece a semana Hip Hop na cidade, projeto que visa a divulgação dessa cultura nas escolas. Natan foi um dos organizadores no último ano de 2023 e mais uma vez, junto com os demais organizadores, enfrentaram dificuldades e resistências de algumas escolas em receber o evento, desencorajados pelos órgãos públicos foram orientados a procurar a 15º CRE e para a surpresa de Natan foram recebidos por uma mulher negra, nas suas palavras: “Aí, quando eu vi que era ela, assim, já me deu uma aliviada, assim, né? Que era alguém que entende, que sabe o que é rap, o que é hip hop”. Após as orientações recebidas na 15º CRE o projeto foi aceito por quatro escolas e foi muito bem recebido. Como o Hip Hop é baseado em cinco elementos (conhecimento, *break dance*, dj, mc e grafite), em cada um dos dias da semana foi abordado um elemento apresentado por uma pessoa diferente. As crianças se mostraram atentas e interessadas na exposição de ideias, Natan relembra: “Na segunda foi o JB, na terça foi o Sidney Guerra, se não me engano. Na quarta o Imlau e na quinta foi o Irani. E, pô, foi, nossa, sensacional. Foi um dia melhor que o outro, a recepção que a gente teve das escolas”. Natan relembra com empolgação o retorno das crianças:

(...) depois que ela demonstrou a poesia, né? Que ela falou sobre o Slam, pá. Depois que ela recitou uma poesia dela, tipo, eles ficaram...Sabe? Eles ficaram pasmos. Tipo, eles... Caralho, que foda, né? Eles conversavam assim, pá. Tá ligado? Mas, tipo, é aquelas fitas, né? Primeiro eles podem achar chato, mas logo depois eles vão se identificar, né? Principalmente as escolas que são mais perto dos bairros e tal, né? Tipo, lá no Sidão foi uma recepção muito da hora.

O projeto também é uma forma de mostrar a diversidade da cultura negra e uma forma de afirmação e que é possível trabalhar e falar sobre os negros para além do 20 de novembro, dia da consciencia negra, data em que os movimentos e pessoas negras são lembradas e convidadas para palestrar nas escolas. A semana do Hip Hop apresenta uma perspectiva diferente, e para muitos, nova sobre a cultura negra. É uma maneira de apresentar a cultura

urbana e mostrar que ela está presente sim na cidade e é uma forma de unir as pessoas e construir laços sociais. Natan lembra quando conheceu esse projeto da cidade e como ele foi importante para despertar sua curiosidade sobre o assunto e como a cultura urbana também é uma forma de ancestralidade:

O meu irmão, ele estudava de noite e eu de manhã e um dia ele chegou e falou: Pô, Natan, veio... Foi uns mano lá na escola falar de rap, tá ligado? E eles falaram que tem batalha e vai ter uma no fim de semana, isso foi dois mil e dezesseis. Quando o Gustavo falou dessas épocas, eu lembrei muito dos meus tios, né? Porque quem foi palestrar, eram uns mano que já estavam a um tempo nessa caminhada, tá ligado? Se eu não me engano, era o Quilombagem Suburbana o coletivo, nesse ano. Na hora, assim, a gente lembrou do Tio Duda e se eles se conhecem. Tipo, eu acho que isso ainda pega muito, né? Tipo, eu acho que isso vale também como uma questão ancestral. Porque a primeira vez que eu ouvi Racionais foi com meu tio.

Quanto ao retorno financeiro, Natan conta que nunca teve, somente gastos com locomoção, alimentação etc. Do poder público receberam somente um banner de divulgação da semana Hip Hop de 2023 e o empréstimo de equipamentos para finalizar o evento. De forma individual, ele tem diversos trabalhos musicais lançados em diferentes meios de comunicação *online* como *spotify* e *youtube* com letras que falam sobre a realidade de Erechim. Relatos sobre sua vivência sendo um artista autônomo e como existem barreiras que diariamente são vencidas é como Natan encerra sua entrevista, e exalta o amor que tem pelo hip hop e pelas pessoas pessoas que junto com ele dedica seu tempo, dinheiro e saúde física e mental para manter essa cultura viva na cidade, Natan afirma:

Eu acho que o que mais dificulta, assim, é tu ter que sobreviver, tu ter que, tipo, trabalhar, pagar as tuas contas, conseguir as tuas coisas e ainda ter tempo pra isso... Tipo, tirando o trabalho, ter tempo pra tu investir em algo que tu acredita. Hoje mesmo eu estava pensando... Eu estava vendo as letras, assim, no meio do trabalho e eu pensando, pô, tem que anotar, mas não dá pra pegar o celular, não tem folha aqui, não tem caneta, tá ligado?

5.4 Arthur, o coreógrafo

Arthur tem 31 anos e é natural de Uberlândia, Minas Gerais, chegou em Erechim no final do ano de 2012 para trabalhar com arte e cultura, mais especificamente com as danças urbanas, que é sua especialidade. Ele atua como professor e produtor cultural e é referência em sua área. As danças urbanas estão intrinsecamente ligadas a uma das identidades negras e salienta a especificidade de cada uma das danças urbanas, Arthur explica:

Quando a gente fala em danças urbanas, a gente está falando num termo genérico porque o que é danças urbanas? então cada dança urbana é uma cultura específica (...) nos representa como negros, como movimento de resistência, movimento de auto-afirmação então você tem o *breakdance*. (...) os *ballrooms* que é o movimento que vem do vogue que é extremamente preto a gente também pode falar da questão das danças urbanas brasileiras, que é o passinho, que é o frevo, que é o funk que a gente também vai ter esse lugar da auto-afirmação do negro, quanto lugar de manifestação cultural, quanto lugar de espontaneidade corporal (...) Eu acredito que a dança urbana só existe graças à representatividade preta, graças a um lugar de resistência e de auto-afirmação do povo preto quanto à cultura, quanto à repressão e aí a partir disso ela se manifesta com o corpo através da arte.

Quando questionado sobre as manifestações da comunidade negra na cidade de Erechim, Arthur destaca alguns movimentos como os grupos de capoeira, o movimento étnico dos negros de Erechim - MENE, as aulas de dança afro promovidas por ele e outra professora no interior da cidade e alguns representantes políticos de vários eixos, e acredita que o movimento negro faz parte da cidade, mas, que por conta da forte auto-afirmação dos descendentes de etnias europeias na cidade o movimento negro tem algumas dificuldades, ele reflete: “No sentido de manifestação de ocupação de espaço mesmo, então acho que a gente ainda não conseguiu criar um senso de comunidade para poder se auto-representar e ser uma frente forte independente das divergências sociais, culturais, econômicas e afins”

No ano de 2013, quando ele chega na cidade, fixou residência no centro de Erechim e chamou sua atenção a falta de pessoas pretas morando, consumindo de forma comum no centro da cidade. Atualmente ele percebe uma movimentação maior de pessoas pretas no centro, ocupando espaços e afirmando sua etnia. Nas escolas em que trabalha, em sua maioria são pessoas brancas. Quando é feito evento em outros locais ele percebe uma representatividade maior de pessoas pretas. Enquanto professor ele ensina a origem daquela cultura e para as crianças isso não é um empecilho, mas para alguns pais sim, a cultura hip hop é muito marginalizada e alguns pais têm uma visão eurocêntrica muito forte. É um trabalho constante para que a cultura hip hop, de uma forma geral, venha a ser desmistificada e posta como ela realmente é, uma cultura que exige disciplina, concentração, conhecimento, desenvolve diferentes habilidades e formas de socialização. Convidado a dar sua opinião sobre memória, ele se posiciona:

Memória e patrimônio é necessário porque senão a gente apaga a nossa história, a gente não se identifica como pessoas pretas que passaram por aqui que de alguma forma influenciaram também ou não, mas que passaram e estiveram aqui.(...) os registros de memória e patrimônio eles precisam acompanhar o momento que a gente vive tá, então eu acredito que a gente também deve tentar deixar registros de forma mais popular.

Arthur fala sobre a importância dos registros estarem disponíveis também no formato digital, visto o crescimento da era digital e também da forma utilizada pelos seus alunos na hora de pesquisar. É importante ter um local de memória, que guarde a documentação histórica mas é necessário o digital para difundir essa história e reafirmar a existência de pessoas pretas na cidade, ele afirma: “Para que as crianças também comecem a normalizar o lugar do povo preto erechinense, tipo, a gente tá ali, só que parece que acaba ficando de uma forma um pouco mais invisível”

Ao final da entrevista, questionado sobre retorno financeiro de seu trabalho com as danças, Arthur diz se sentir privilegiado por conseguir ter estabilidade financeira e viver de sua arte. Com reconhecimento de seu trabalho no Alto Uruguai, além das aulas, recebe convites para participar de diferentes eventos, também faz atividades voluntárias para públicos específicos. Embora reconhecido, ainda enfrenta algumas questões por conta de racismo, segundo ele, as pessoas primeiro veem um homem negro e depois o professor de dança com *status* reconhecido. Ele sempre teve que fazer duas vezes a mais para ter esse reconhecimento e luta para que sua filha, Alice, não tenha que passar por isso no futuro, ele afirma:

O maior desafio aqui é realmente vencer o racismo, vencer o racismo e vencer esse lugar da branquitude, porque enquanto a branquitude não entender que esses problemas de injúria racial, o problema de várias questões sociais, monetárias é um lugar do opressor e não do oprimido a gente vai sempre tá andando em círculo entende? porque a gente tem que olhar o branco, principalmente aquele que tá aberto a consciência, ele tem que entender que ele não tem que conversar de racismo comigo ele tem que conversar de racismo na mesa de jantar da família dele que reproduz isso porque é um problema deles pra que eu possa chegar daqui a 5, 10, 15 anos e minha filha poder chegar e poder ser vista pelo que é, pelo que representa e não sendo julgado por coisas que não tem nada a ver são coisas que não tem a ver com a gente tem a ver com o que essas pessoas brancas criaram como modelo social, então acho que aqui em Erechim a gente vai conseguir ter mais pessoas pretas em lugar de destaque.

5.5 Roberto, o mestre de capoeira

Roberto é natural de Porto Alegre e chegou em Erechim no final do ano de 1997. Mais conhecido pelo seu sobrenome, Bahia, foi citado por outros entrevistados nessa pesquisa como referência na área da capoeira na cidade. Foi fundador do Centro Cultural Africano, em 2008 e responsável pela conquista do espaço na estação ferril, ele relembra sua chegada na cidade e o objetivo do Centro Cultural:

Quando eu cheguei aqui, eu era um sujeito diferente, de rastafari com berimbau na mão, andando na avenida (...) Eu consegui aquele espaço ali e eu fundei lá dentro o Centro Cultural Africano. Que a ideia era o quê? Desenvolver todas essas atividades de cultura africana, que é o que eu fazia como mestre de capoeira. E ali a gente trabalhava tudo, capoeira, maculelê, samba de roda, puxada de rede, religiosidade, a culinária. Tanto é que quando eu abri ele, foi filmado pela RBS que tinha aqui ainda na cidade, tinha algumas comidas típicas. Eu fiz 480 acarajés no dia.

Bahia teve a oportunidade de conhecer vários e diferentes lugares do Brasil, por conta da capoeira, e isso contribuiu para expandir seu conhecimento em torno da cultura africana. Atualmente, dedica sua vida à religião de Quimbanda e ao culto tradicional, tem sua casa religiosa que vem crescendo e segue em constante aprendizado. Ele relata que é contatado por várias pessoas sobre a possibilidade de seu retorno às aulas de capoeira, os planos para o retorno existem, ele comenta:

Tem uma galera que quer voltar a fazer. Tem uma galera nova que está querendo fazer também. E eu preciso também. Foi o que me trouxe até aqui hoje. Foi a Capoeira. O que me deu tudo. O meu conhecimento, da minha vida foi a Capoeira. Eu costumo dizer que se não fosse a Capoeira na minha vida, eu não sei nem se eu estaria vivo.

A sua dedicação a religião faz com que o seu tempo seja corrido, ele atende muitas pessoas e faz vários trabalhos religiosos e isso não tem horário fixo, é o que impede seu retorno a capoeira, a falta de tempo. A religião sempre esteve presente na vida de Roberto e foi os chamados espirituais que o fez entender que ele precisava dedicar sua vida à espiritualidade. Na cidade de Erechim tem várias casas religiosas que seguem diferentes segmentos. No ano de 2023 teve o primeiro encontro das religiões de matriz africana na cidade, onde Roberto se fez presente e contribuiu com uma fala. Percebe-se por conta das redes sociais que existem alguns atritos entre essas casas religiosas, muito se debate sobre fundamento e as formas de fazer a religião. Na opinião de Roberto, a religião é e precisa continuar sendo baseada no conhecimento dos que vieram antes dele, ele afirma: “(...) os mais velhos chegaram antes, batalharam, passaram pelo que passaram. E as coisas não precisam ser mudadas. A religião está pronta. Ninguém precisa mudar ela, é só seguir. Dar aquela forma que é.”

A quimbanda é uma religião brasileira que tem sua origem no continente Africano. E como a maioria das culturas africanas, tem sua forma de transmissão de conhecimento oralmente. Bahia relata como sentar e ouvir é a base para aprender a religião, que muito se aprende nos livros, mas a forma de fazer, de manipular determinadas práticas só se aprende, verdadeiramente, com a vivência no terreiro. O respeito e a admiração pelos mais velhos e

sábios, tanto da religião como da capoeira, é tida como imprescindível para o crescimento e ele lamenta a perda desses valores nos dias atuais, Bahia relembra:

Meu, quando eu ia a Salvador, você não escutava a minha voz. Entendeu? Perante os mais velhos lá, quem sabia era eles. Hoje, se eu estiver dando aula de capoeira, chega meu mestre, que ainda é meu mestre, ainda é mestre René, ou um pessoal mais velho que realmente é sábio na coisa, você não vai me ver falando, entendeu? Quem sabe é eles, eu não sei nada perante eles. Minha mãe de santo, que cuida da minha quimbanda, meu babá, que esteve aqui, quando eu cortei no ano passado, pro meu Exu, os filhos da casa puderam ver exatamente aquilo que eles escutam de mim. Porque eu não vou falar mentiras, que eu nunca sei nada quando estou perante eles (...) E o que falta é isso. Eu não sei se é humildade ou respeito, eu acho que é respeito.

Bahia conta que toda segunda-feira tem aula para os filhos da casa, e que ele faz questão de ensinar de onde vem as favas, folhas, pós e demais materiais que são utilizados para fazer as funções da casa. A grande maioria vem diretamente da África, ele faz questão de manter e fazer as suas obrigações como aprendeu. Ele ensina a importância de ter consciência de que as pessoas que vieram antes de nós passaram por muitas dificuldades para que hoje possamos exercer as religiões de forma livre, que possamos andar na rua com uma bata, um brajá e um fio de conta. Quando era professor e dava aulas de capoeira nas escolas, orientava os alunos a buscar materiais sobre cultura africana mas, reafirma a importância da vivência e da troca por meio da oralidade.

Quando questionado sobre alguma dificuldade ou problemas para expressar sua arte na cidade de Erechim, ele conta que teve um pequeno problema, uma única vez, anos atrás, mas que logo foi resolvido e não chegou a gerar atritos. Que já soube de outras pessoas que enfrentaram problemas mas não estava familiarizado com o contexto do problema. E por ter conhecimento que às vezes o fato de ser preto e de evidenciar a cultura preta na cidade pode gerar empecilhos que para outras pessoas não geraria, então ele sempre utiliza da legalidade para exercer suas manifestações. Sobre a valorização financeira na época em que atuava com a capoeira, Roberto afirma:

Nunca teve e não tem. Entendeu? Outra coisa que eu posso dizer por mim, que nunca tive ajuda da prefeitura ou dos governantes, vamos dizer assim, dos governantes. Foram muito raras as vezes que eu tive e eu tive que pedir muito. Entendeu? Então nunca teve. Se alguém disser que teve, é mentira. Eu tô aqui desde 98. Nunca teve valorização com isso. Entendeu?

As vezes que teve algum auxílio foi quando conseguiu o espaço na estação ferril, que exigiu e ainda exige muito para que se mantenha. Ele também cita uma vereadora da cidade, que quando ele a procura sempre lhe atende e ajuda da forma que pode. Todo trabalho tem

um custo, e é preciso valorizar o conhecimento que essa pessoa tem e está disponível em compartilhar. Roberto comenta que a vida dele foi e é dedicada a diferentes formas de cultura, e que ele as vive no dia a dia, mas é comum ser procurado para compartilhar dessa vivência no dia 20 de novembro. A experiência de vida o ensinou a valorizar o seu trabalho e entender que se uma escola ou instituição paga outra pessoa para fazer uma fala ele também é merecedor de receber um retorno, até porque nunca teve ajuda de ninguém. Ele percebe uma maior movimentação entorno dos movimento negros da cidade comparado a época em que chegou em Erechim, mas que ainda falta alguns desses movimentos chegar no público alvo e acredita que devemos mostrar o orgulho de ser preto no dia a dia, Bahia afirma que é preciso:

Mostrar que eu não tenho vergonha daquilo que eu sou. Aquilo é minha vida. Entendeu? E as pessoas que se dizem, que mexem com a cultura africana, que fazem e acontecem, não andarem vestidas somente naquele horário. Entendeu? É realmente mostrar o que ela é. De verdade, eu sou isso e ponto.

5.6 Maurício, o Professor

Maurício é natural de Erechim e já teve suas andanças pelo Brasil, mas teve manteve residência fixa na cidade. É professor de capoeira, faz parte da Associação Povo de Angola e é o presidente do Movimento Étnico dos Negros de Erechim - MENE. Um dos objetivos de Maurício com a capoeira é levar a cultura negra para dentro das escolas e através dela resgatar outros elementos como o samba, o maculelê, os diferentes ritmos da percussão, de forma geral, trazer à tona a própria história brasileira para seus alunos. No ano de 2023, por meio do edital de incentivo à cultura, ele lança a revista em quadrinhos “As cores do bota amarela” onde os documentos do Arquivo Público foram essenciais para construção desse material que teve a colaboração de um professor de história e mestre em educação para construir a história dos imigrantes de Erechim, todas as escolas do município receberam um exemplar. Mauricio uniu suas técnicas de desenho, o amor à cultura e o constante trabalho para resgatar e valorizar a cultura negra na cidade. A revista é lúdica e apresenta a maioria das etnias que juntas construíram a cidade de Erechim, Maurício comenta:

Erechim é uma das cidades que mais possui imigrantes, em questão de quantidade de diferentes nações presentes na formação e na colonização de Erechim. E não são todos esses grupos que são organizados, né? Diretamente. Mas tem três ou quatro que são muito mais fortes. Então, a gente também precisa estar buscando essa estrutura para que a gente possa disponibilizar para a comunidade negra de Erechim uma estrutura bacana também, onde possa encontrar informação, onde possa encontrar

segurança nessa informação. Então, essa também é a ideia da revista, de levar a informação para dentro da sala de aula e até transformar esse cidadão no futuro. Sabendo, ciente da formação da cidade, sabendo da história, sabendo que ele também faz parte dessa construção.

O professor também atua em diferentes escolas no interior da cidade, e comenta as diferentes reações que os alunos, e professores, tem ao ver, nas suas palavras: “um homem negro, barbudo e cabeludo” chegando para ministrar aulas, como isso impacta e conquista e é um reflexo da falta de representatividade no corpo docente. Maurício é referência em sua profissão mas isso não impede que tenha empecilhos na hora de desenvolver as atividades com os alunos, muitos pais questionam a prática de capoeira e alguns proíbem os filhos de participar por questões religiosas e do próprio racismo, mesmo que em suas aulas, nas escolas, o tema religião não seja posto em debate. Isso impede que essas crianças tenham contato com a cultura negra, inclusive para crianças negras, principalmente as do interior que tem pouca ou nenhuma pessoa de referência, ele relata:

E aí no interior não se tem essa representatividade que se tem aqui. E aí, como é que vão ficar essas crianças? Quem é que vai atender? Quem é que vai representar? Em que momento elas vão acabar passando pelo que a gente passou? Provavelmente você também passou, muitos erechinenses passaram também. Que é olhar pro lado e não ver nenhum negro. Olhar pra cima e não ver nenhum negro.

Pensando em como vencer esses empecilhos e com o objetivo de mostrar para seus alunos que a cultura negra existe, que é bonita, que é de pertencer e que o negro faz parte da história da cidade, Mauricio conhece o Professor Rodrigo que desenvolveu uma pesquisa de regate do clube 13 de Maio, um clube de negros que existiu em Erechim e teve sua sede onde hoje é o Sindicato dos Municípios de Erechim. Com muitas ideias em comum soma-se a esse objetivo Monique, amiga de infância de Maurício que na época estava lutando para acabar com a “princesa nativa” na FRINAPE, mostra empresarial do alto uruguai, e ter a princesa afro, a princesa indígena e acabar com a ideia de que tudo que não é europeu é nativo. Os 3 amigos decidem se encontrar no dia 4 de fevereiro de 2009 na casa de Monique, junto com os pais dela, e criam um grupo, MENE, com o objetivo de lutar juntos por essas questões em comum. O grupo cresceu e hoje atua na cidade, Maurício descreve o movimento atualmente:

Então hoje tem oficinas do Mene, tem grupo de dança, tem grupo de capoeira. Os debates continuam, as reuniões continuam. Hoje a gente tem um prazer enorme de poder auxiliar a comunidade negra dentro da área jurídica também. Então a gente passou um tempinho, inclusive o ano passado, esses últimos quatro anos, a gente

passou auxiliando com processos de racismo dentro de sala de aula, dentro de escola. Alguns casos, vários casos aqui em Erechim. Né? Onde o Mene pôde atuar junto. Hoje a gente consegue organizar uma marcha onde leva as pessoas pra rua pra falar do 20 de novembro, para lembrar o 20 de novembro. Então são algumas iniciativas interessantes, importantes e que a gente busca, tá batalhando.

O movimento também conseguiu ocupar o espaço do antigo clube 13 de maio, e no dia 04 de fevereiro teve o primeiro samba do MENE, uma forma de comemorar as lutas e conquistas dos últimos 15 anos. Quando questionado sobre a valorização financeira do trabalho que desenvolvem, ele relata que é sim feito muito trabalho e atividades voluntárias, mas que o tempo ensinou que ter um retorno financeiro é mérito pelo seu esforço, estudo, pesquisas, cursos de qualificação para que hoje eles possam estar ocupando esses espaços de ensino e difusão da cultura negra. Na cidade de Erechim ainda existem poucos projetos que evidenciam a cultura negra, Mauricio diz:

E agora quanto a valorização, inclusive o interior, ele costuma investir mais do que o próprio município de Erechim nessas questões particulares, nessas questões ímpares. É vantajoso financeiramente trabalhar mais para fora de Erechim do que em Erechim. Porque as escolas de Erechim não possuem projetos culturais dentro de sala de aula se não partirem de uma iniciativa própria dos professores ou da escola. O município não possui essa visão, essa ideia de levar cultura para dentro de sala de aula se não depender de um projeto que venha do governo federal. Então algumas barreiras ainda são construídas aqui em Erechim até pelo modo de governar, pelo modo de desenvolvimento da sociedade.

Atividades e eventos que festejam a importância de outras etnias na cidade tem maior acesso a parcerias, patrocínios e investimento do poder público, coisa que não acontece com a etnia negra. Eventualmente as pessoas que trabalham com cultura tem a possibilidade de utilizar um edital para fomentar seu trabalho, mas tratando-se da população negra novamente surgem empecilhos, começando pelo edital, as intermináveis exigências, necessidade de CNPJ, de contador e falta de entendimento de quem elabora esses editais que parte das pessoas que trabalham com cultura popular, às vezes, não tem como comprovar o seu trabalho, de acordo com Maurício uma das formas de resolver esse problema seria:

Entender que principalmente a cultura popular. Porque a cultura popular, ela não tem esse registro, essa formalidade, afinal, ela é popular. Mas e como esses produtores de cultura popular vão estar sendo abrangidos por projetos? Onde vai estar sendo abrangido? Quais os espaços que vão fomentar culturas? E que espaços vão estar fomentando essas culturas? Entende? Isso eu acho que seria importante também. Essa facilidade. A informação, essa facilitação nos editais e buscar pensar de uma forma mais povão. Entende? De uma forma que mantenha-se os requisitos exigidos, necessários. Ok? Mas que seja de fácil acesso para toda a população.

5.7 Franciele, a trancista

Franciele é natural de Gravataí, e entre idas e vindas está em Erechim há 10 anos. O motivo de seus retornos a cidade é o trabalho. Ela comenta que Erechim é uma cidade que ela não escolheu morar, mas aprendeu a se adaptar. Foi em Erechim que ela conseguiu crescer profissionalmente e passou a ser referência na cidade por conta de seu trabalho. Franciele é trancista profissional desde 2017, começou aos 11 anos de idade como uma atividade e se transformou em sua profissão. Ela é autônoma, mãe solo e com seu trabalho como trancista consegue ser financeiramente independente. Questionada sobre os movimentos negros da cidade, relata que percebeu um aumento dessas movimentação. Sempre envolvida em coletivos e projetos sociais ela afirma que muito do que é feito nos bairros da cidade não receberam visibilidade, ela afirma:

O que eu vejo em Erechim são cores diferentes, sabe? Eu, como uma mina preta, periférica, a gente faz esse corre de, tipo, de estar sempre trabalhando com a autoestima das mulheres, de estar sempre fazendo projeto social, mas a gente não tem apoio nenhum. Muito projeto social a gente fez e ninguém sabe o que a gente fez. Muito projeto social a gente fez e nem é considerado projeto social, porque ninguém sabe. O que a gente fez foi simplesmente falar assim, ó, vamos fazer tal coisa aqui no bairro, vamos pegar uma galera e vamos fazer trancinha nas meninas aqui do bairro que não tem condições de pagar para fazer um cabelo, vamos fazer isso, e a gente fazer no nosso pequeno coletivo. Só que aqui o que acontece? São coletivos. E são coletivos diferentes.

Os diferentes coletivos na cidade tem objetivos e formas diferentes de atuação. Os coletivos que ela já se envolveu são focados nos projetos dentro do bairro progresso, onde ela reside e se encontra maior porcentagem de pessoas negras na cidade de Erechim. O objetivo é ter projetos sociais o ano todo e dentro da periferia, que é o público alvo. O primeiro coletivo que ela participou foi o Coletivo Quilombagem e depois o Coletivo de Capoeira Cultura Popular. Mas por conta da falta de apoio financeiro ambos foram desfeitos, Franciele relembra: “primeiramente a gente tinha, né, um certo apoio da prefeitura da cidade, mas, normalmente, os corres que a gente fazia desse rolê de fazer nas periferias, a gente não conseguia apoio nenhum da prefeitura, tu entende a diferença?”

Por conta de seu trabalho, Franciele começou a receber convites para ir às escolas falar sobre estética negra, cabelo e a história das tranças. É importante salientar que a maioria desses convites acontecem no dia 20 de novembro. Franciele relembra quando chegou na cidade, 10 anos atrás, as pessoas olhavam intrigadas e espantadas para suas tranças, principalmente quando ela circulava pelo centro da cidade, pois além de não ser comum ver

peessoas pretas no centro, uma pessoa mulher com seu *black* ou de tranças era motivo de murmurinhos. A questão do cabelo para uma menina, mulher negra é sempre motivo de dúvidas e falta de representatividade, nos últimos anos a valorização da identidade negra, principalmente do cabelo, tem sido pauta em debates e por conta de toda uma luta, é possível ver mulheres negras com seus cabelos naturais na televisão ou mesmo com tranças e *dreadlocks*. Mas na cidade de Erechim, em especial no interior isso ainda não faz parte da realidade, Franciele relembra:

A primeira vez que eu fui numa escola falar sobre as tranças, falar sobre o movimento das tranças, eu tava de black, eu e a minha irmã. Foi lá no interior, em Jacutinga. E quando eu cheguei lá, as crianças ficaram assim...impressionadas. Até hoje elas ficam, sabe? E aí eu lembro que uma menininha falou assim pra mim, nossa, tu parece aquelas mulheres que a gente vê na TV. Porque elas nunca tiveram uma referência, elas nunca tinham visto a realidade de ver uma mulher preta, de fato, ali, se sentindo bonita e linda com o cabelo black, para eles é encantador, sabe? Pras crianças é encantador.

Ela passa a lembrar suas experiências com as crianças nas escolas e como é gratificante para ela ser a primeira referência daquelas crianças e de alguma forma alterar a visão referente ao cabelo e contribuir com a auto estima delas. O trabalho que ela faz nas escolas sempre foram voluntários, ela comenta que a primeira vez que foi questionada sobre qual o valor do cachê dela para palestrar numa escola ficou surpresa e não sabia que valor cobrar, ela sempre fez por amor, pelo retorno que tem das crianças e de saber que ela pode contribuir para que essas crianças não passem pelo o que ela passou na infância, o fato de odiar o próprio cabelo, os traços negroides e o fato de ser preta em si, que essas crianças não pensem que precisam o alisar o cabelo, como ela e tantas outras já fizeram, para se sentir pertencente e aceita pelos outros. Embora referência na arte de trançar os cabelos, ela ainda enfrenta preconceito por conta do lugar onde mora e atende suas clientes, Franciele afirma:

Eu moro no bairro mais banalizado de Erechim. E muitos dos meus clientes pedem pra mim atender a domicílio porque eles não vêm pro bairro, por causa desse preconceito, entende? Apesar de não ter nascido aqui, apesar de não ser o meu bairro, não é a minha favela, eu sempre bati muito na tecla de defender o meu bairro. Entende? De bater o pé e dizer eu não vou sair daqui. Se vocês quiserem fazer trança comigo, vocês vão ter que descer no bairro. Porque eu não atendo a domicílio.

A menina das trancinhas, como é conhecida, lamenta ouvir de alguns clientes que para ter um maior sucesso precisa ter um salão no centro da cidade que atenda as perspectivas de outras pessoas, que por ser uma mulher preta que atende num bairro pobre da cidade não pode cobrar um valor alto por seu trabalho, ela desabafa: “Mas é aí que se encaixa todo esse

negócio do preconceito, sabe, Carol? É aí que se encaixa tudo isso do preconceito. É o preconceito com o teu trabalho, é o preconceito com o lugar que tu mora, é o preconceito com a pessoa que tu é, entende?”

Na cidade de Erechim muitas trancistas tem começado a trabalhar nesse ramo, muitas cobram um valor mínimo e isso acaba desvalorizando a profissão, que inclusive está numa luta pelo reconhecimento e legalidade. O tempo e o trabalho de fazer uma trança varia bastante, depende do tipo de trança, a técnica que vai ser utilizada, os materiais, os produtos, em média é preciso 8 até 12 horas de trabalho para finalizar um cabelo. Então fora o custo dos materiais e o tempo necessário, obviamente, a profissional também tem custos para sobreviver e sustentar seus filhos. A legalidade da profissão vai contribuir para que a realidade dessas profissionais possa mudar e um valor justo possa ser cobrado sem questionamentos, Franciele afirma:

Porque eu moro aqui no meio do fervo, né? no foco, literalmente, entende? Cara, isso não é legal, mas tipo, já teve clientes meus que chegaram aqui depois de um tiroteio que passaram pela rua e tinha um cara morto ali na esquina, que tinham um recém matado, entendeu? E elas falaram assim: meu Deus, porque que tu mora aqui? E eu vou morar aonde, Carol? Com o valor que vocês querem pagar pelo meu trabalho que aluguel que eu vou conseguir pagar, entende?

Quando questionada sobre os desafios dos movimentos negros da cidade ela afirma que ainda é o preconceito racial. Embora tenha tido muitos avanços, a cidade de Erechim parece fechar os olhos para os pretos e tudo que não for de origem europeia. Ela compara com a realidade de sua cidade natal, o simples fato de sair na rua sem receber olhares de julgamento ou ser questionada se dá para lavar o cabelo trançado e as pessoas querendo pegar no seu cabelo natural. Quando chega numa loja e vai fazer um crediário não precisar explicar o que é uma trancista. Parecem coisas pequenas, mas quem vive essa realidade diariamente é cansativo e mentalmente desgastante. Ela finaliza falando que sente falta de atividades culturais negras na cidade, atividades que existem em outras cidades e isso faz com que ela tenha objetivo de voltar para sua cidade natal, Franciele conta que:

(...) eu só vou embora porque eu me sinto muito longe da minha cultura aqui, eu não tenho cultura aqui, eu não tenho lazer aqui, eu só trabalho e trabalho, mas eu não tenho lazer eu to completamente longe das coisas que eu faço, eu to longe da minha capoeira, eu to longe do meu samba, eu tô longe de tudo, eu só trabalho mas é isso da gente se unir e fazer esse rolê sabe da galera preta tá ali juntas ninguém solta a mão de ninguém.

5.8 André, o pesquisador

André é natural da cidade de Erechim, é historiador, mestre em educação, pesquisador da cultura afro-brasileira e erechinense, também atua profissionalmente em outras áreas, como a defesa civil da cidade. Desde de 2011 integra o Movimento Étnico dos Negro de Erechim - MENE e observou o crescimento de diferentes movimentos negros na cidade, mais especificamente nos últimos 10 anos. O MENE tem como objetivo valorizar, resgatar e divulgar a história cultural afro-brasileira aqui na região do Alto Uruguai. O movimento militante na luta anti racista é composto por profissionais que atuam em diferentes áreas do conhecimento o que possibilita atender a população da cidade nas suas diferentes demandas, direcionando-a para o profissional responsável pela temática, André explica:

Por exemplo, tem escolas que optam por fazer uma apresentação artística sobre algum aspecto da cultura afro-brasileira, então, esse convite geralmente cai para o professor Maurício ou para a Fabiana (...) Às vezes a escola vem com a demanda de tratar a questão racial, os relacionamentos anti racistas dentro da escola (...) para isso nós temos a Monique, que é psicóloga, nós temos pessoas ligadas ao direito, que é o caso da Luísa Fernanda. Quando é os aspectos históricos, a imigração aqui em Erechim, a presença dos negros e tal, aí o convite vem para mim. Isso é uma divisão de trabalho, e claro, o MENE tem vários outros profissionais e militantes de vários segmentos. Então conforme demanda, a gente direciona para uma ou para outra pessoa.

Os convites vêm de diferentes instituições, públicas e privadas, do ensino infantil ao ensino superior. O coletivo está em constante expansão e a pauta principal é a luta antirracista, no ano de 2024 eles organizaram a 4ª Marcha Antirracista na cidade de Erechim que contou com a participação de escolas e da comunidade erechinense como um todo. Muito tem sido conquistado, mas o caminho ainda é longo e longe de ter um fim. André relata as reclamações que o MENE recebe por parte de pais de alunos negros, que sofrem com o racismo dentro das escolas e procuram algum tipo de auxílio ou ajuda por parte do movimento, e lhes é oferecido apoio psicológico, orientações pedagógicas e suporte jurídico, quando necessário, André relata:

(...) porque nós entendemos que, falando aqui de Erechim, o movimento se fortaleceu, mas nós estamos em plena disputa da questão étnico-racial. Existe muito racismo ainda, existe muito enfrentamento às nossas pautas, dizendo que não são importantes, que são menos importantes, que é exagero, que não sei o quê, mas o racismo, os dados, os números estão aí, basta ver as pesquisas do IBGE (...) a questão, desde como a criança negra se enxerga dentro da escola, o espaço que ela ocupa, né, e a gente tem relatos disso, infelizmente.

André é o idealizador do documentário “Raízes negras de Erechim”, a ideia de realizar um projeto que contasse a história dos negros de Erechim surgiu durante o período que trabalhou no Arquivo Municipal. Com a forte organização, no sentido histórico, dos grupos étnicos de Erechim, ele identificou a escassez e quase inexistência de material sobre a presença dos negros em Erechim. Após uma busca aprofundada no acervo do arquivo, ele encontrou fotos de famílias negras, recortes de jornais sobre o clube 13 de maio e juntando esses documentos conseguiu se ver na história da cidade. Então, no ano de 2021 o município lança o edital ao fundo de apoio às artes e cultura - FACE, de Erechim para produção de audiovisuais, André elabora e apresenta o projeto do documentário com o objetivo de produzir um material que pudesse ir para a sala de aula. Com entrevistas, bibliografia local, imagens e testemunhos de vida é lançado em Junho de 2022 o documentário, que hoje encontra-se disponível no *YouTube*. No mesmo ano, André conhece Manoel que a partir de pesquisas independentes, lança o *ebook* “Ancestralidade das Campinas” que indica a presença dos negros no alto uruguaí ano de 1854 onde hoje é o município de Campinas do Sul. O documentário tem alcançado o público de diferentes estados do País, André declara:

Bom, para dar uma ideia, semana passada uma moça lá de Minas Gerais que assistiu, que está no *YouTube*, ligou para nós, ligou para o Mene e falou que queria saber mais sobre o documentário. E aí acabei conversando com ela (...) ela disse que não sabia da presença de negros aqui nessa região. Ela tem um cunhado que mora em Chapecó, e ele disse para ela: olha, aqui não tem negro. Na verdade, tem, mas o que acontece é que os espaços que o homem, ou a população preta, negra, circula dentro de uma cidade como Chapecó, como Erechim, é sempre a periferia. Se você não circula nas periferias, você talvez não veja de fato. Parece absurdo falar isso em pleno 2024, mas ainda é assim. Ainda temos muito marcado isso. O espaço que o homem, a mulher negra tem na sociedade é a periferia. E o centro, como é o caso aqui de Erechim, é para as pessoas brancas. Ah, posso circular aqui? Posso. Mas eu serei um elemento visto com estranheza, em pleno século XXI.

André tem recebido comentários de professores que estão usando o documentário em sala de aula e que as crianças tem bastante perguntas e identificam a história de suas famílias no documentário. A 15ª Coordenadoria indica o documentário como um dos materiais para ao projeto do EREER, da Educação Étnico-Racial nas Escolas. As pessoas adultas que assistiram também se veem representadas e algumas se emocionam com os relatos de vida. Ao final da entrevista, questionado sobre a valorização financeira dos movimentos negros na cidade, ele lamenta a desvalorização monetária dos profissionais que dedicam parte do seu tempo para compartilhar de seu conhecimento, qualificações profissionais e vivências com as escolas que muitas vezes os convidam para “divulgar” o seu trabalho, ele afirma:

(...) o nosso trabalho, esse trabalho da preservação e tal, parece que ele não é

valorizado. Daí usam um termo: ah, vocês podiam vir aqui para divulgar o trabalho de vocês. A gente agradece, explica que sim, mas nós não precisamos mais de divulgação. É bem-vinda, mas o nosso trabalho agora precisa ser reconhecido também financeiramente. Ah, quero ficar rico com isso? Não. Mas eu quero ser pago, como qualquer profissional em educação, que tem uma formação, que tem uma luta e que tem produção.

Ainda existem barreiras, inclusive por parte de educadores, em trabalhar a Lei 10.639 que determina o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas que ainda estão aquém nesse sentido, deixando a desejar, inclusive por falta da aplicação e qualificação dos educadores, pelo próprio governo municipal. André sente a falta de um espaço próprio para que os movimentos negros possam fazer exposições, apresentações, aulas públicas, um lugar de referência para a população negra da cidade. Ele finaliza contanto que tem o objetivo de no futuro fazer uma busca ativa por doação de documentos, imagens de famílias negras de Erechim ou mesmo o empréstimo dessa documentação para digitalização para compor o acervo do Arquivo Público.

5.9 Vanessa, a nortista no sul

Vanessa é natural do estado do Pará, mãe de Odara, engenheira agrônoma e estudante de Geografia na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim, ela chegou na cidade em 2020 e foi a aprovação no curso de geografia o motivo de sua mudança para o sul do País. Em seu relato, ela conta que vivia numa situação de vulnerabilidade na sua cidade natal, na época trabalhava dando aulas de reforço e vendia artesanato, mas não era o suficiente para conseguir manter uma qualidade de vida básica. Ela sempre foi muito crítica e reflexiva o que fez com que se encontra-se na academia, então viu no enem a oportunidade de retornar para a universidade para uma área onde ela já era apaixonada, foi então que o curso de geografia na UFFS chamou sua atenção, ela foi pesquisar sobre a cidade onde fica o campus, Vanessa rememora:

Então, eu já tinha visualizado um pouco as cidades, mas nunca olhei esse nome, Erechim, então, eu peguei, me inscrevi, fui pesquisar, vi que a cidade e os índices de qualidade de vida, que era o que eu estava buscando na época, né? A qualidade de vida era excepcional. Então, eu não tive dúvida.

Com a aprovação no curso e auxílio de amigos, Vanessa atravessou o Brasil, com sua filha de dois anos, por quase 4 mil km e 5 dias de viagem para chegar na cidade de Erechim. Com auxílio do coletivo acolhe mães, da UFFS, ela conheceu outras mulheres e mães que

chegaram de diferentes estados para estudar na universidade, então, de certa forma, sentiu-se acolhida por ter essas identificações com outras mulheres que também enfrentaram esse desafio em diferentes âmbitos, desde o clima até a forma como as pessoas se relacionam. Quanto a suas primeiras impressões da cidade, Vanessa afirma:

Eu sempre fui muito bem recebida aqui, nos lugares onde eu trabalhei. Mas, eu vejo, Carol, que a forma como eu fui bem recebida, assim, é muito pelo meu histórico curricular. Quando tu vai falar sobre a recepção em relação ao meu estereótipo, já é outra coisa, né? É, tipo, a questão da negritude, por exemplo, né? Sempre teve essa questão do racismo, né? Mas, de uma forma bem mais, que a gente chama, de velado, né? Que não deixa de ser algo violento. Mas, eu falo assim, eu vim pra Erechim no momento certo da minha maturidade.

Sempre ligada aos movimentos culturais, ela conta que assim que chegou na cidade foi buscar pelos movimentos negros, mas como era período pandêmico não estava acontecendo movimentos na cidade. Ela viu o espaço do centro cultural, perto do terminal rodoviário, mas todas as vezes que passava por lá estava fechado. Ela conhecia pouquíssimas pessoas pretas na cidade e foi quando chegaram outros paraenses na cidade, então acabou a pandemia, e ela consegue ter contato com outras pessoas negras e a entender melhor o lugar que elas ocupam na cidade. Preconceitos que existem tanto do pessoal que mora no norte do país, quanto das pessoas do sul, começam a ficar mais evidentes, Vanessa afirma:

Essa questão do separatismo. Sabe? Do Regional ainda existe, vira e mexe tu vê. Lá no Pará tem uma crítica muito grande com o pessoal do sul (...) Eu acho que não é legal. Né? Eu acho que a gente acaba focando em algo desnecessário. Ao invés de focar na base principal que foi o processo perverso de colonização do Brasil. O Brasil não é algo só de um ou de outro, ele é algo que a gente precisa se enxergar e ver que ele é múltiplo e diverso. E a partir daí a gente se aceitar (...) e aceitar o outro como ele é na sua diversidade infinita. Entendeu? Não quem é melhor, eu acho que tudo é bom. Acho que é que nem o sabor da comida, um gosta o outro pode não gostar. E aí ao invés de eu ficar nessa retenção de separatismo. Eu quero me aglutinar, eu quero me conectar.

Apaixonada pela área da educação, atualmente trabalha numa escola municipal no bairro Cristo Rei, e fala sobre a importância da representatividade de ser uma mulher negra que atua na sala de aula e como o empoderamento das crianças é um processo satisfatório de se acompanhar e fazer parte. Ela foi integrante, junto com outras duas pessoas do Pará, de um grupo que trouxe um pouco da cultura nortista para a cidade de Erechim, o grupo fez alguns eventos, mostras de artes e debates abertos ao público, mas o grupo decidiu por encerrar suas atividades. Questionada sobre como a cultura negra pode ser valorizada na cidade, ela responde que acredita que é necessário uma maior união entre as pessoas pretas da cidade, ciente de alguns atritos que existem entre os diferentes movimentos, o que é normal, as

peessoas podem sim discordar, mas que se tratando de movimento negro o objetivo é sempre tentar vencer as barreiras e estar aberto a toda a comunidade, que se existe um atrito ele deve ser resolvido. Ela cita a possibilidade da realização de assembleias públicas para que os coletivos possam entender as demandas de quem não faz parte de um grupo específico, já que a bandeira que nos une é a da negritude. Ela finaliza discorrendo sobre a sua luta diária na escola, como os temas envoltos da negritude são trabalhados diariamente e da importância de se reconhecer enquanto pessoa negra, Vanessa relata:

Eu faço o meu trabalho da melhor forma possível para que aquelas crianças tenham uma consciência racial mínima. Ali, eu vejo que infelizmente falta essa gestão, então eu puxo para mim esse papel, na minha turma, as aulas que eu dei, tive a oportunidade de entrar na história da África, falei sobre a cultura, a valorização, a história dos orixás, fiz pintura de mulheres negras, falei sobre a minha história. Isso que eu te falo, a gente precisa ter entendimento sobre o que a gente é pra gente não ser usado e também não usar.

6 A COMUNIDADE QUE NÃO EXISTE

Quando a palavra “comunidade” é falada é comum imaginar um grupo de pessoas em um mesmo lugar que tem alguma coisa em comum. Podemos falar em comunidades periféricas ou comunidades do interior, entre outras. Quando questionei uma turma, durante estágio docência, quanto ao que é uma “comunidade negra” foi exemplificado a série de televisão norte americana *Everybody Hates Chris*³², Todo Mundo Odeia o Chris, no Brasil, que conta a história de um garoto negro, que mora num bairro com a maioria das pessoas negras, e nesse bairro vários estereótipos sobre negros norte americanos são narrados. Esse exemplo vai de encontro com que o que Chauí (2008, 2008 p. 57) entende por comunidade: “A marca da comunidade é a indivisão interna e a ideia de bem comum; seus membros estão sempre numa relação face-a-face, possuem o sentimento de uma unidade de destino, ou de um destino comum, e afirmam a encarnação do espírito da comunidade em alguns de seus membros, em certas circunstâncias”. Comunidade, pode ser igualdade em alguns aspectos, entende-se que existe um conjunto de “coisas” em comum.

Acredito ser um tanto confuso chegar na parte final do texto e após ler o subtítulo acima, questionar-se quanto a “comunidade”, termo que compõe o título da pesquisa. Quando decidi usar tal termo no título do texto eu acreditava que, mesmo que minimamente, existisse um grupo de pessoas que compartilhava alguma coisa por conta de sua descendência étnica. Não importava se fosse um local geográfico específico, uma religião, uma data comemorativa, ou algo mais particular como suas dores e seus sonhos. Dentre os vários conceitos sobre comunidade, nesse trabalho acredito que o de Bauman (2003, p. 17) que diz que: “comunidade significa entendimento compartilhado do tipo natural e tácito” é o que mais se encaixa após fazer, ouvir, transcrever, ler e reler as entrevistas. Os descendentes de negros na cidade de Erechim compartilham da certeza que muito ainda precisa ser feito para que possa, da mesma forma que as outras descendências étnicas, ter seu espaço na cidade. Assim como compartilha da troca de olhares quando vê seu semelhante na rua, mesmo que não o conheça, o entendimento de que a cor da pele, independente da sua tonalidade, é o que nos faz semelhantes, o “natural e tácito”. Bauman (2003) cita Robert Redfield³³ ao descrever quais são os atributos de uma comunidade:

³² https://pt.wikipedia.org/wiki/Everybody_Hates_Chris

³³ Robert Redfield, *The Little Community and Peasant Society and Culture* (Chicago: University of Chicago Press, 1971), p.4 e ss.

Distinção significa: a divisão entre “nós” e “eles” é tanto exaustiva quanto disjuntiva, não há casos “intermediários” a excluir, é claro como a água quem é “um de nós” e quem não é, não há problema nem motivo para confusão — nenhuma ambiguidade cognitiva e, portanto, nenhuma ambivalência comportamental. “Pequenez” significa: a comunicação entre os de dentro é densa e alcança tudo, e assim coloca os sinais que esporadicamente chegam de fora em desvantagem, em razão de sua relativa raridade, superficialidade e transitoriedade. E “auto-suficiência” significa: o isolamento em relação a “eles” é quase completo, as ocasiões para rompê-lo são poucas e espaçadas. (BAUMAN, 2003, p. 17-18)

Segundo Bauman (2003, p. 19) essas três características incorporadas garantem uma “proteção dos membros da comunidade em relação às ameaças a seus modos habituais”, o que não acontece com as pessoas pretas de Erechim, que tem diferentes costumes e rotinas e embora tenham um senso de proteção à coletividade, principalmente se tratando de violências racistas, não impede que “a reflexão, a crítica e a experimentação” seja individual e plural, pois segundo Bauman (2003, p. 19) “enquanto cada um do trio estiver intacto, é muito pouco provável que a motivação para a reflexão, a crítica e a experimentação possam surgir”. As diferentes realidades, acesso à educação e a serviços básicos podem ser alguns dos motivos para que embora com fenótipos iguais ou parecidos, as mesmas dores em relação ao fato de ser preto, as mesmas “piadas” por conta do cabelo na escola, o mesmo sentimento de não se ver nos lugares com algum tipo de poder, entre outras tantas semelhanças em relação ao fato de ser preto em Erechim, faça com que não tenhamos um senso de comunidade, que de alguma forma, poderia oferecer um tipo de proteção.

Talvez a busca pela referência, pela individualidade e saber quem somos, que caminho devemos seguir, é o que nos afasta. “Identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular — e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar” (Bauman, 2003, p. 21). Tentar se encontrar no mundo pode ser solitário. No início da adolescência quando começamos a ter uma vida social mais ativa, acredito ser comum se afastar de amigos da infância por conta de divergências de ideias e interesses. Para Bauman (2003, p. 20) a identidade “(...) deve a atenção que atrai e as paixões que desperta ao fato de que é a substituta da comunidade: do “lar supostamente natural” ou do círculo que permanece aconchegante por mais frios que sejam os ventos lá fora”. Mas mesmo a busca pela identidade nos aproxima de outras pessoas, e começa um novo ciclo de amigos e colegas, pessoas que têm algo em comum, de certa forma, a busca por identidade pode vir a criar, e nos incluímos em novas comunidades:

E no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades

individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. (BAUMAN 2003, p. 21)

Seguindo com a hipótese de que algo em comum une um grupo de pessoas e esse grupo pode vir a formar uma comunidade, a cultura pode ser um fator determinante para que essa união aconteça. A palavra “cultura” tem vários enfoques e dentre seus principais teóricos, destaca-se um dos pioneiros na elaboração do conceito de cultura, Edward Tylor (1832-1917), para ele: “A cultura, no seu amplo sentido etnográfico, é um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, 1871). Embora tenha-se passado mais de um século, o conceito de Tylor continua relevante perante a comunidade científica. Mais próximo da atualidade, Chauí (2008) expõe em seu texto, *Cultura e Democracia*, como a palavra cultura foi tendo diferentes conceitos ao longo da história e varia com a área de conhecimento, e como o seu conceito foi influenciado por diversos fatores, como a divisão de classes:

(...) diante de uma sociedade dividida em classes, manter o conceito tão generoso e tão abrangente de cultura como expressão da comunidade indivisa, proposto pela filosofia e pela antropologia? Na verdade, isso é impossível, pois a sociedade de classes institui a divisão cultural. Esta recebe nomes variados: pode-se falar em cultura dominada e cultura dominante, cultura opressora e cultura oprimida, cultura de elite e cultura popular. Seja qual for o termo empregado, o que se evidencia é um corte no interior da cultura entre aquilo que se convencionou chamar de cultura formal, ou seja, a cultura letrada, e a cultura popular, que corre espontaneamente nos veios da sociedade.(CHAUÍ, 2008 p.58)

Com um pensamento que se aproxima de Tylor, Cortina (2005, p. 148) define cultura como “[...] o conjunto de modelos de pensamento e de conduta que dirigem e organizam as atividades e produções materiais e mentais de um povo, em sua tentativa de adaptar o meio em que vive a suas necessidades, e que pode diferenciá-lo de qualquer outro”. Nesse sentido, entende-se que cultura é um conjunto de saberes e fazeres essas “maneiras de fazer”, como fala Certeau (1994, p. 42) “(...) constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural”.

Definindo o que é comunidade, identidade e cultura percebe-se que são esses três termos que fazem que exista uma comunidade negra em Erechim, e ao mesmo tempo, é exatamente esses termos que a dissolve. As diferenças parecem ser maiores do que as semelhanças, e são elas que impedem que um coletivo ou associação trabalhem juntos. Não

são inimigos, longe disso, mas a prioridade é ter independência, e a independência impede o senso de comunidade.

Ao refletir sobre o relato dos africanos e haitianos que residem na cidade, percebe-se que, embora as diferentes associações, existe um diálogo entre eles, o que os une não é somente o fato de ser negro, mas de ser imigrante, não o suficiente para que as duas associações se unam e formem a associação dos imigrantes em Erechim, junto com os demais imigrantes da cidade, como, por exemplo, os venezuelanos. Existe sim um projeto para fazer uma confederação que venha unir todas essas associações, mas de momento a prioridade é sobreviver e cada imigrante busca os seus conterrâneos mais experientes na cidade para se integrar em Erechim. Em parte, a falta de assistência pública, de acolher e incorporar essas pessoas a sociedade erechinense, os obriga a criar espaços específicos para se amparar e isso os exclui dos demais cidadãos da cidade, porque a prioridade não é a integração a sociedade erechinense e sim ter um casa pra morar, ter um trabalho, estar com a documentação em dia, é conseguir se comunicar, entender a legislação, entre outras tantas novidades que um novo País oferece. Para quem está do outro lado, preto mas natural da cidade, acaba por esquecer que eles também são pessoas pretas e que sofrem com o preconceito por conta da pele, além do fato de ser imigrante. Tanto o representante haitiano, como o africano, retratam a falta de convites por parte dos movimentos negros da cidade. Uma comunidade, teoricamente, não deixa ninguém de lado, uma comunidade sabe que os une e o que os torna uma unidade.

Os demais movimentos negros da cidade também são independentes. As pessoas envolvidas nas manifestações da cidade se conhecem, se respeitam, mas algumas se negam a trabalhar juntas, por entender que o movimento A, em relação ao B, tem objetivos e formas opostas de atuar na cidade e isso impede que um grupo represente outros. Frases como: “eles não nos representam”; “eles só vão lá, aqui eles não vê”; “falta união”; “tá cada um pra um lado” foram ditas com entonação de tristeza. É como se todos soubessem o problema que nos separa, mas ninguém, nenhum coletivo está disposto a fazer, por exemplo, uma reunião pública que coloque todos, ou representantes, dos coletivos no mesmo lugar para conversar, discordar e chegar num consenso sobre como combater o maior problema enfrentado por todos pretos da cidade, o preconceito. Todas e todos foram questionados sobre qual o maior desafio de uma pessoa preta na cidade de Erechim, e conforme exposto no quadro abaixo, as palavras racismo e discriminação foram a resposta da maioria:

Quadro 1 - Desafios do preto Erechinense

O maior desafio é... Como posso dizer? É como sempre, né? A discriminação... mas não é só nós que enfrentamos isso. Tem os africanos também e os venezuelanos.
O maior desafio aqui é realmente vencer o racismo.
(...) o maior desafio em Erechim ainda é quebrar esse preconceito
(...) a aceitação dessas manifestações (negras) pela sociedade de Erechim é um grande desafio.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

É claro que não é uma simples reunião que vai resolver todos os problemas, a questão é muito mais complexa e quando envolve pessoas essa complexidade triplica. O ponto é que o sentimento pelo desejo de uma comunidade existe, e de acordo com os entrevistados, seria o ideal, mas também existe a concordância de que é, quase, impossível que isso venha a acontecer neste momento. Mas o que causa essa ruptura? A correria do dia a dia é um dos motivos, todas as pessoas entrevistadas, estão envolvidas em algum grupo que exerce uma atividade que evidencia a presença da população preta na cidade, mas nenhuma delas consegue se dedicar exclusivamente a este movimento, porque todas precisam trabalhar para ter retorno financeiro, algumas saem do trabalho e vão para as aulas e mesmo numa rotina apertada encontram tempo para se dedicar a esse grupo, mas aí pensar em algum tipo de unificação dos grupos, de resolução dos atritos, de fazer todo um movimento que envolva os outros grupo exige tempo, dinheiro e saúde mental, coisas que poucas pessoas, de forma geral, tem em abundância.

A questão geográfica também é um ponto a ser analisado. Entrevistados que vieram de outros estados do Brasil, relataram a falta de pessoas pretas circulando no centro da cidade. Claro que a história da cidade de Erechim, que tinha os negros em sua maioria no centro da cidade e com a especulação imobiliária foram para bairros operários e hoje se encontram, em sua maioria, além do pórtico da cidade, reflete na realidade presente. Mas falando em acesso à cultura e lazer, os eventos da cidade acontecem no centro. Quem mora nos bairros para além do pórtico muitas vezes nem sabe o que acontece no centro da cidade, e vice e versa. O “morar no centro” significa que o aluguel é mais caro, se for casa própria o valor do terreno é maior. Portanto, de alguma forma, a pessoa que mora no centro da cidade tem condições

financeiras um pouco melhor, logo têm maior acesso a eventos da cidade, como por exemplo, a feira do livro.

Quem mora no centro, prioriza seus encontros e eventos no centro. Quem mora nos bairros, prioriza seus encontros e eventos nos bairros. De um lado, busca-se a visibilidade e aceitação da cidade, do outro, dar acesso a cultura preta de empoderamento às pessoas que não tem. Ambos têm sua importância e são essenciais para a afirmação e preservação da herança preta da cidade, mas, se tornam um divisor que afasta um grupo do outro. Seguindo nessa linha de pensamento, podemos incluir também a classe social dos integrantes do grupo A, B, C ou D como um impeditivo de socialização de saberes e troca de ideias, entendendo classe social como pessoas que têm condições socioeconômicas semelhantes. Para alguns o objetivo é ter uma melhor qualidade de vida, enquanto para outros a prioridade é dar conta de pagar o aluguel e ter comida na mesa, isso não significa que uma pessoa preta almejar um padrão de vida mais elevado seja ruim ou errado, longe disso, deveria ser o objetivo de todas as pessoas, mas a realidade, infelizmente, é diferente. Utilizando o transporte público que tem rotas que passam por esses bairros além do pórtico, ouve-se essas pessoas falando: “Estou indo para Erechim”. Para elas sua residência é no “bairro” a cidade é um local longe, que para chegar precisa de transporte.

O sentimento de pertencer a cidade não existe. Nesse sentido, entende-se que é difícil se sentir representado por pessoas que não moram no mesmo lugar que você e muitas vezes desconhecem a realidade vivida por elas. Por mais que os movimentos que não são de determinado bairro vão até lá, façam atividades, conheçam e tenham amigos que moram lá, essa ideia de centro e bairro é muito forte e gera atritos e debates de ideias que não chegam a um consenso. E discordar não é um problema, faz parte de um diálogo. A questão é que essa discordância acaba por impedir que os movimentos trabalhem juntos, novamente, como uma unidade. As questões particulares afetam o coletivo.

O nível educacional também é uma barreira que divide os grupos. Como citado anteriormente por um dos entrevistados, isso implica até no fato de ter condições de escrever um projeto para concorrer a um edital para promover e divulgar seu trabalho. Para a maioria dos estudantes pretos a escola é uma obrigação e está ali para formar mão de obra e não cidadãos. Eles vivem à margem da sociedade e veem a realidade dos pais que têm empregos subalternos como o seu futuro. A aplicação da Lei 10.639 além de recente ainda é muito falha na sua aplicação, o empoderamento, a representatividade está distante daquela realidade e foi um dos problemas levantados pelos entrevistados que atuam na área da educação. Então ao ver pessoas pretas dando entrevistas para jornal, tendo local de destaque, atuando em

profissões socialmente consideradas como de poder é algo improvável de acontecer para essas crianças. Talvez por isso, que alguns dos grupos e movimentos periféricos não veem os movimentos do centro como representativos. Enquanto os movimentos do centro querem justamente mostrar que a gente pode sim quebrar com esse ciclo familiar e ter um diploma, aprender a amar nossa cor e traços, ter o nosso local de fala e destaque.

Na UFFS, campus Erechim, existe o coletivo de mulheres pretas e pardas Beatriz Nascimento, do qual faço parte. No ano de 2023 o coletivo fez a III Ser Afro - Semana de resistência: Articulando falas, reivindicando origens e descolonizando mentes. O evento que acontece no mês de novembro tem atividades durante toda uma semana, palestras, atividades culturais, debates, exposição de trabalhos, etc. Uma das preocupações da organização é trazer para a Universidade pessoas pretas de diferentes partes da cidade e com as mais variadas ocupações e formas de trabalhar a cultura preta e mostrar que não precisa ser um acadêmico, com vários títulos para ter sua fala numa Universidade, que muitas vezes é encarado como um lugar em que as pessoas que não tem títulos acadêmicos não tem nada a contribuir com aquelas que os tem. Mas ao mesmo tempo, essas pessoas que vão até a Universidade compartilhar suas vivências estão compartilhando com pessoas que têm o privilégio de estar dentro da academia.

Como citado anteriormente, o racismo e a discriminação foram as respostas da maioria dos entrevistados questionados sobre dificuldades de ser preto em Erechim. Mas quando a pergunta foi sobre o que seria possível fazer para reverter, dentro do possível, essa situação e o que fazer para valorizar e incentivar a cultura negra na cidade, as respostas foram diferentes, o que pode ser mais um indício dessas rupturas, visto que a “solução” do problema muda consideravelmente de uma pessoa para outra e isso, dentro de um grupo, é mais um empecilho que pode vir a gerar atritos que colocam o individualismo acima do coletivo. Ao mesmo tempo, todas essas ideias e opiniões diferentes acerca das soluções, só comprovam que muito pode ser feito para reverter essas dificuldades, que embora diferentes, atingem a todos em diferentes graus. Segue trecho da fala de alguns dos entrevistados:

Quadro 2 - Notas sobre esperança. O que fazer para valorizar e incentivar a cultura negra na cidade?

Acho que um coletivo de conscientização, mas é um coletivo geral porque como eu te falei, somos poucos aqui e os poucos estão dispersos, então, se a gente se juntasse e se a gente fizesse todo mês um coletivo e fizesse todo mês um samba com cultura preta, com trança, com dread (...) é isso que falta pra nós.

Um olhar de política pública, séria, não só na cultura (...) que olhem no sentido de reparação, de afirmação e representação. Você não tem editais de afirmação periféricas e negras aqui em Erechim. A gente não tem um olhar de empreendedorismo preto, enquanto política pública.

(...) é um promete, promete que nunca acontece, entendeu? Está faltando um local cultural.

Quanto mais se fomenta, quanto mais se investe em um único tipo de cultura, é essa cultura que vai crescer, é essa cultura que vai ser fomentada. Então nós precisamos sim de mais iniciativas que envolvam as demais outras culturas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As parcialidades das pessoas que integram a grande comunidade negra de erechim ficam nítidas, podendo citar inclusive posicionamentos políticos partidários. Criou-se no imaginário popular que pessoas pretas que atuam como militantes estão sempre ligadas a partidos, tidos como de “esquerda”³⁴ e a movimentos lidos como contra os “bons costumes” e quando uma pessoa preta declara-se ao contrário disso ela é tida como exceção pelos seus semelhantes e como exemplo por aqueles que estão “do mesmo lado”. Usemos o exemplo dos senegaleses e dos haitianos que residem na cidade de Erechim, e mais uma vez a vivência do transporte público. Certa vez escutei: “Esses haitianos que vêm da África”.

Nesse caso o que é percebido pelo cidadão que profere tais despropósitos é somente a cor da pele. Para ele, pouco importa onde fica o Haiti e quais países compõem o continente Africano. Só o que ele vê são pessoas pretas retintas que vem de outro lugar e que se não fosse o tom da pele seria o fato do sotaque que a tornaria, como é comum ouvir na cidade, “uma pessoa de fora”. E essa é mais uma questão que, no caso dos migrantes e imigrantes, é uma dificuldade. Até que ponto esse pensamento de “pessoa de fora” se limita a cidade de Erechim? Ou do Rio Grande do Sul? E como isso é um dos impeditivos para que, por exemplo, os haitianos que vivem na cidade de Erechim possam comemorar o dia da bandeira do Haiti, como é feito em outras cidades, conforme relatado anteriormente.

É complicado fazer afirmações acerca dessas questões, pois elas variam de acordo com a pessoa. O que é problema para alguns, não é para outros. Até que ponto somente as pessoas

³⁴ Entende-se que o termo utilizado é complexo e tem questões históricas e políticas envolvidas no seu no seu entendimento, mas aqui ele se utiliza na forma que é apresentado na divisão esquerda e direita adotada pelos brasileiros nos últimos anos.

pretas que falam sobre racismos e todas as questões que o envolvem é o suficiente? Por que pessoas não negras são minoria na hora de trabalhar com resgate histórico ou mesmo registro das manifestações da cultura negra? Talvez o medo de ocupar um espaço que poderia estar sendo de uma pessoa preta? Até que ponto vai o lugar de fala? Nesse sentido, os entrevistados percebem que têm “autorização” para falar somente no dia 20 de novembro, conforme quadro a seguir, com falas dos entrevistados:

Quadro 3: Dia de preto é 20 de novembro.

Quando chegava no 20 de novembro, todo mundo queria bater na porta pra aquele dia. Meu, esqueceram que não é só um dia. Entendeu?
Mas também só no mês de novembro. O ano todo era uma coisa assim. E aí, no mês de novembro, a gente teve uma primeira chamada nas escolas pra fazer, levar esse trabalho.
E é interessante ver porque... Quando a gente pensa em cultura negra e vem lá as escolas chamar a galera pro 20 de novembro, né? Aquela coisa bem clássica.
Oportunidade só em... acho que é... que é o dia da consciência negra.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Outra questão levantada pela maioria das pessoas entrevistadas é a da procura delas, por escolas e instituições, somente no dia 20 de novembro, dia da consciência negra. Pois bem, a lei 10.639 e 11.645 que dispõe sobre o ensino obrigatório de história e cultura indígena e afrobrasileira, foi o principal ponto levantado quando o assunto foi a valorização do trabalho cultural que essas pessoas desenvolvem durante todo o ano, e é assim que a lei deveria funcionar, na teoria a lei prevê que tais temas devem ser estudados durante todo o ano e integrado, dentro do possível, em todas as disciplinas. Na prática, conforme relatado, não é o que acontece. É no dia 20 de novembro que a escola faz algum evento, com apresentações e algumas palestras. É nesse evento que entra o convidado, que muitas vezes é voluntário e tem que cobrir os próprios gastos com transporte e alimentação, faz sua atividade ou fala, tira umas fotos com os diretores da escola e acaba por aí. Não ser procurados novamente no ano seguinte. Conforme relatado, o sentimento é que o convite só é feito porque existe uma obrigatoriedade por parte das escolas em cumprir a lei e que se não fosse isso, talvez nem o convite para ser voluntário ou “divulgar o trabalho”, como citado por um dos entrevistados, seria feito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho partiu do seguinte questionamento: no contexto de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul como Erechim, com predominância de grupos étnicos europeus, como a comunidade negra está inserida nas manifestações étnicas culturais a fim de evidenciar a preservação da ancestralidade negra? As entrevistas e análise de dados revelaram que as manifestações da cultura negra na cidade de Erechim só existem por conta de muita luta por parte da população negra e ainda não existe uma inserção delas na cidade, se comparado a das outras etnias. Elas acontecem em datas específicas e quando apresentadas como forma de lazer tendem a sofrer discriminação e repressão policial, além de ser consumida por uma minoria específica da cidade.

O objetivo central da pesquisa foi identificar e refletir sobre algumas das atuais manifestações culturais da comunidade negra na cidade de Erechim/RS. Esse objetivo foi alcançado visto que houve a identificação de diferentes manifestações atuais na cidade de Erechim e também no Alto Uruguai, eventos levados pelos entrevistados em cidades vizinhas, como Passo Fundo e Campinas do Sul, que teve no último ano de 2023 a I Mostra de Trabalhos sobre a cultura afro brasileira, além das citadas pelos entrevistados, cabe aqui registrar que aconteceu no último dia 25 de Julho, a segunda edição do dia da mulher negra, um evento que contou com palestras sobre cuidados com saúde mental e apresentações artísticas. Também foi possível ter conhecimento de manifestações e coletivos que já não acontecem mais, como por exemplo, o CultivaMente, e as batalhas semanais de rap. O registro por meio da gravação e transcrição com diferentes pessoas da cidade, contribui para a divulgação da existência para consulta e pesquisa desse material. Houve o contato de terceiros acerca das entrevistas e do interesse de conhecer a pesquisa o que abre mais uma porta para a disseminação, não somente deste material, mas também do já existente no Arquivo Público.

A revisão bibliográfica quanto a arquivologia e seus princípios básicos é uma forma de apresentar aos colegas, entrevistados e as pessoas de outras áreas o que é a Arquivologia. Pergunta que foi feita repetidas vezes ao longo desses dois anos. E como um arquivista contribui para a preservação da memória e valoriza as diferentes fontes de informação. Quanto à temática da memória, abordada pela revisão bibliográfica, ela sustenta as falas proferidas durante as entrevistas, de como é importante elas registradas e elas faltam à população preta de Erechim.

As questões que o presente coloca para nós são olhadas pelo passado. Talvez se eu for entrevistar novamente as mesmas pessoas, sobre as mesmas questões e aspectos, elas podem oferecer leituras diferentes, o contexto é outro, não significa que ela está mentindo, mas as percepções mudam, as ideias mudam, os posicionamentos mudam. O registro partiu do presente olhando para o passado.

Quanto a ideia de uma comunidade dos pretos erechinenses, unida, forte e que deixa as diferenças de lado para entender que o que temos em comum é mais forte precisa percorrer um longo caminho. As individualidades ainda prevalecem. Talvez a ideia de comunidade negra na cidade exista para essas pessoas, que acreditam que os haitianos vêm da África, porque embora obviamente tenha origens, manifestações culturais e idiomas totalmente diferentes são classificados como um grupo só. Nesse sentido, quando ocorre alguma atividade cultural que evidencia a cultura negra é considerada como representativa para todas as pessoas que são pretas. Até que ponto uma roda de capoeira representa as manifestações culturais que acontecem no Haiti, na Gâmbia? E quanto aquelas que não acontecem? Os órgãos públicos que recebem financiamento para promoção das culturas estão pensando nos grupos que não estão sendo representados? E quais não são? E porque não estão sendo lembrados? Quais memórias ficam registradas e quais não ficam? E porque?

Refletindo sobre patrimônio imaterial, pode-se afirmar que as manifestações que evidenciam a cultura negra na cidade se configuram como patrimônio imaterial? A quem cabe determinar qual “prática e domínio da vida social que se manifesta em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações(...)” é, ou não, “digna” e relevante o suficiente para ser registrada como patrimônio imaterial? Finalizo a pesquisa com mais perguntas do que quando a iniciei.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e Patrimônio**: Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. Disponível em: https://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio_e_nsaos-contemporaneos.pdf. Acesso em: 02 maio. 2024.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2023.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7364950/mod_resource/content/0/bauman_zygmunt_-_comunidade1.pdf Acesso em 24 jun. de 2024.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos Permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2006. 317 p.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 147 p.

BERNARDES, I. P.. **Como avaliar documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998. Disponível em: <https://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf1.pdf> Acesso em: 19 set. 2023.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, Joao Eurípedes Franklin. **Noções de Paleografia e Diplomática**. 5. ed. Santa Maria: Ufsm, 2015.

BISPO, Nêgo. **Nêgo Bispo**: vida, memória e aprendizado quilombola. vida, memória e aprendizado quilombola. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>. Acesso em: 19 jul. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 20 maio. 2022

CAMARGO, Aspásia. **História oral e política**. In: Ferreira, M. de M. (Org) História oral e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: CPDOC/Diadorim/Finep, 1994. p. 78.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio Imaterial no Brasil**: legislação e políticas estaduais. Brasília: Educarte, 2008. 198 p. Disponível em:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Patrimonio_Imaterial_no_Brasil_Legislacao_e_Políticas_Estaduais\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Patrimonio_Imaterial_no_Brasil_Legislacao_e_Políticas_Estaduais(1).pdf). Acesso em: 07 maio 2024.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. Crítica y Emancipación, (1): 53-76, junho 2008. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4657030/mod_resource/content/1/Chauai%20Cultura%20e%20Democracia.pdf. Acesso em 26 de jun. 2024.

COOK, Terry. **Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais**: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ARQUIVOS PESSOAIS, 1., 1997, Rio de Janeiro. **Seminário**. Rio de Janeiro: Fgv, 1998. p. 129-149.

CORTINA, A. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005

DODEBEI, Vera. Espaços mítico e imagético da memória social. In: **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000. p. 63-71.

DODEBEI, Vera. Memória, circunstância e movimento. In: GONDAR, Jô (org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. p. 43-54.

DUCHEIN, MICHEL. **Los Obstáculos que se oponen al acceso, a la utilización y a la transferencia de la información conservada en los archivos**: Un estudio del RAMP. Paris: Unesco, 1983. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000057672_spa> Acesso em: 10 de Junho. 2023.

EASTWOOD, Terry. Um domínio contestado: a natureza dos arquivos e a orientação da ciência arquivística. In: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather (org.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

ERECHIM, Prefeitura de. **Origem do nome**. 2023. Disponível em: <https://www.pmerechim.rs.gov.br/pagina/150/origem-do-nome>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FONSECA, M. Cecília Londres. “Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural”. In. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ, UNIRIO, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3160394/mod_resource/content/1/Para%20a%20da%20pedra%20e%20cal%20por%20uma%20concep%C3%A7%C3%A3o%20ampla%20de%20patrim%C3%B4nio%20cultural.pdf. Acesso em: 10 de mar. 2024.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Fgv, 2005. 119 p.

FRANCO, CELINA M.; BASTOS, AURÉLIO W. **Os arquivos nacionais**: estrutura e legislação. *Acervo*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 7 -28, jan./jun. 1986. Disponível em: <<https://revistaacervo.an.gov.br/index.php/revistaacervo/issue/view/30>> Acesso em: 09 de junho. 2023.

FREITAS, Sonia Maria de (org.). **História Oral**: a busca de uma definição. In: FREITAS, Sonia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. p. 18.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. 7. ed. Campinas: Unicamp, 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento, In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos, Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio, 2003. p. 21-29.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô *et al* (comp.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. p. 11-26.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. Disponível em: http://200.17.141.110/senalic/IV_senalic/textos_completos_IVSENALIC/TEXTTO_IV_SENALIC_27.pdf. Acesso em: 20 maio. 2022.

HEDSTROM, Margaret. **Arquivos e memória coletiva**: Mais que uma metáfora, menos que uma analogia. In: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather. *Correntes Atuais do Pensamento Arquivístico*. Belo Horizonte: Ufmg, 2016. Cap. 8. p. 237-259.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE (org.). **Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios Contínua**. 2021. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html#:~:text=O%20IBGE%20pesquisa%20a%20cor,9%2C1%25%20como%20pretos..> Acesso em: 04 abr. 2023.

IBGE. **População no último censo**. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/erechim/panorama>. Acesso em: 10 jul. 2023.

INDOLFO, A. C. **Gestão de documentos**: uma renovação epistemológica no universo da arquivologia. *Arquivística.net*, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/50444>. Acesso em: 09 jun. 2023.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional -. **Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial**. 2024. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/687/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional -. **O Inventário Nacional de Referência Cultural**. 2015. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3214/o-inventario-nacional-de-referencia-cultural>. Acesso em: 22 abr. 2024.

IPHAE, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado -. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado**. Disponível em:

<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=HistoricoAc&item=25>. Acesso em: 03 maio 2024.

JARDIM, José Maria. **A invenção da memória nos arquivos públicos**. Revista Ciência da Informação, Brasília, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <

http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_cfb64eeaa1_0008801.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. Documento e história – A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 9-28.

LÉVI-STRAUSS, Laurent. **O Patrimônio Imaterial e diversidade cultural**: o novo decreto para a proteção dos bens imateriais. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 147, p. 23-27, out. 2001.

LOUSADA, M. **A evolução epistemológica do conceito de avaliação documental na arquivística e sua importância para a construção da memória**. Revista Ibero-americana de Ciência da Informação, v. 5 No 1-2, n. 1-2, p. 63-78, 2012. DOI: 10.26512/rici.v5.n1-2.2012.1724 Acesso em: 11 set. 2023.

MAIA, Felícia Assimar. **Direito à memória**: o patrimônio histórico, artístico e cultural e o poder econômico. Movendo Ideias, Belém, v. 8, n. 13, p. 1-4, jun. 2003. Disponível em: ÁGORA, ISSN 0103-3557, Florianópolis, v. 23, n. 47, p. 183-197, 2013. 196 . Acesso em: 20 set. 2013.

MARQUES, Angelica Alves da Cunha. **A Arquivologia brasileira: busca por autonomia científica no campo da informação e interlocuções internacionais**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2013.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Memória e cultura material**: documentos pessoais no espaço público. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998. Disponível em: . Acesso em: 20 set. 2013.

MERLO, Franciele; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. **Documento, história e memória**: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. Informação & Informação, [s.l.], v. 20, n. 1, p.26-42, 22 mar. 2015.UEL. <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2015v20n1p26>. Disponível em:. Acesso em: 21 maio. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; SOUZA, Edinilsa Ramos de; CONSTANTINO, Patrícia; SANTOS, Nilton César dos. **Métodos, técnicas e relações em triangulação**. In.: MINAYO,

M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E.R. (org.). Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MURGUIA, Eduardo Ismael (Org.). **Memória**: Um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos, SP: Compacta Gráfica e Editora, 2010

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In.: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. Disponível em: . Acesso em: 16 mar. 2024.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. **O conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação**. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Universidade de Brasília. Brasília, 2010. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/15452/11058>. Acesso em: 27 nov. 2017.

OLIVEN, Ruben George. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In. LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no Sul do Brasil**: Invisibilidade e territorialidade. Ilha de Santa Catarina: Letras contemporâneas, 1996. p.13-33.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo**: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1991. 162 p.

PAVEZI, Neiva. **Arquivo fotográfico**: uma faceta do patrimônio cultural da UFSM. Santa Maria, 2010, 227 f. Dissertação (mestrado em patrimônio cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural. Santa Maria, 2010. Disponível em: . Acesso em: 20 set. 2013.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007. 523 p.

ROCHA, M. M. V.; FREIRE, I. M. **As reuniões brasileiras de ensino e pesquisa no contexto da arquivologia**. Archeion Online, v. 9, n. 1, p. 18-33, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.2318-6186.2021v9n1.59565 Acesso em: 21 ago. 2023.

SÁ, Gabriela Barretto de. **Direito à memória e ancestralidade**: escrituras amefricanas de mulheres escravizadas. 2020. 153 f. Tese (Doutorado) - Curso de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41629>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. Tradução de Rosaura Eichenberg. Companhia das Letras: São Paulo, 1996.

SILVA, Doris Regina Barros da. **Os contos e os pontos**: os lugares do saber e os saberes que lugar nas rodas da pedagogia griô. Fórum e Identidades, Itabaiana, v. 11, p. 56-69, jul. 2012. Disponível em: file:///C:/Users/carol/Downloads/cgomes,+FORUM_V11_04.pdf. Acesso em: 24 out. 2023.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos Modernos: princípios e técnicas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2006. 367 p.

SKERRETT, A. **English teachers' racial literacy knowledge and practice**. *Race Ethnicity and Education*, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 313-330, 2011. Disponível em: <https://kcccomp.commons.gc.cuny.edu/wp-content/blogs.dir/2708/files/2019/10/Skerrett-English-Teachers-Racial-Literacy.pdf>. Acesso em: 26 jun.

TEIXEIRA, Clotildes Avellar; REIS, Alcenir Soares dos. **Informação e patrimônio cultural imaterial: uma proposta de cidadania digital**. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 200-215, 15 maio 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/154425>. Acesso em: 22 abr. 2024.

TYLOR, Edward. **Primitive Culture, Source**: Wikimedia Commons. From *Popular Science Monthly* 26 (1884): 145. Public Domain. Disponível em: http://ocw.mit.edu/courses/anthropology/21a-01-how-culture-works-fall-2012/readings/MIT21A_01F12_Sir_Edward_cul.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.

UNESCO. **Programa Memória do Mundo**: Diretrizes para salvaguarda do patrimônio documental. 2002. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/aceso-a-informacao/acordos/acoes-internacionais-2/programa-memoria-do-mundo#:~:text=O%20objetivo%20do%20Programa%20%C3%A9,regionalmente%2C%20por%20meio%20de%20comit%C3%AAs>. Acesso em: 30 jun. 2024.

UNESCO. **Text of the Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage**. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. UNESCO, 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/convention#art3>. Acesso em: 22 mar. 2024.

YAMASHITA, Marina Mayumi; PALETTA, Fátima Aparecida Colombo. **Preservação do patrimônio documental e bibliográfico com ênfase na higienização de livros e documentos textuais**. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 172-184, ago./dez. 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/56200> . Acesso em: 20 set. 2013.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA:

Este questionário faz parte da pesquisa “A Comunidade Negra na Capital da Amizade: Em busca da afirmação e preservação da identidade e herança cultural ancestral” realizada no Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas - UFFS Campus Erechim/RS, pela estudante Caroline Pasa com orientação do Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga. O questionário conta com dez questões e leva, em média, 30 minutos para que seja respondido. Sua participação é voluntária e não será bonificada. Salienta-se que sua participação é de extrema importância para a realização desta pesquisa e auxiliará na melhor compreensão sobre o tema.

1. Qual é o seu nome, data e local de nascimento, identidade de gênero e há quanto tempo você vive em Erechim?
2. Quais são as principais manifestações culturais da comunidade negra em Erechim?
3. Como você se envolve com essas manifestações culturais?
4. Quais são as origens dessas manifestações?
5. Como essa atividade que você atua se desenvolveu ao longo do tempo?
6. Qual a importância dessas manifestações para a preservação da cultura negra em Erechim?
7. Como ela contribui para a diversidade cultural na cidade?
8. Quais são os desafios enfrentados na preservação e promoção da manifestação cultural que você está envolvida?
9. O que pode ser feito para valorizar e incentivar as manifestações culturais da comunidade negra em Erechim

APÊNDICE B - CARTA DE CESSÃO

Erechim/RS, _____ de _____ de _____. Eu
_____, estado civil
_____, documento de identidade nº _____ declaro
para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia
_____/_____/_____ para ser utilizada, integralmente ou em partes, sem restrições de
prazos e citações, desde a presente data, pelas pesquisadora Caroline Pasa () pelo
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - CAMPUS ERECHIM/RS e ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL
JUAREZ MIGUEL ILLA FONT/ERECHEM. Essa autorização inclui () /não inclui () a
revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo/a.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente CARTA DE
CESSÃO,

Assinatura

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A Comunidade Negra na Capital da Amizade: Em busca da afirmação e preservação da herança cultural ancestral

Prezado participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa A Comunidade Negra na Capital da Amizade: Em busca da afirmação e preservação da herança cultural ancestral. Desenvolvida por Caroline Pasa, discente do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Erechim, sob orientação do Professor Dr. Gerson Fraga.

As movimentações em torno da cultura étnica negra não recebem visibilidade dentro da cidade, talvez por essas manifestações serem mais restritas ao público que com elas se identificam, talvez por falta de divulgação ou orçamento. A questão é que elas existem e estão acontecendo sem que um registro formal aconteça e que permita a criação de um fundo para futuros estudos sobre a temática na cidade. Posto isso, o projeto tem como objetivo identificar, conhecer e divulgar as atuais manifestações artísticas e culturais da comunidade negra na cidade de Erechim.

O convite a sua participação se deve à sua contribuição no desenvolvimento de atividades artísticas e culturais na cidade de Erechim que evidenciam a descendência negra. Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Por se tratar de entrevistas orais que serão gravadas para posterior transcrição, no início da gravação você será questionado quanto a autorização para início da entrevista e se deseja, ou não, se identificar, a divulgação dos resultados da pesquisa e o material serão armazenados em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

“A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista à pesquisadora do projeto”

Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 30 minutos, e do questionário aproximadamente vinte minutos.

Gravação da entrevista

A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo gravação Não autorizo gravação

A entrevista será filmada somente para a avaliação das informações e somente com a sua autorização. Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo filmagem Não autorizo filmagem

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, e por decorrência do objetivo da pesquisa, que é a colaboração na construção de novos registros sobre a comunidade negra de Erechim, as transcrições serão doadas para o Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font.

A sua colaboração contribuirá, ao final, na pesquisa, em dois eixos. A nível institucional oferecerá um material acerca das manifestações da etnia negra na cidade de Erechim. Em nível social a pesquisa irá contribuir com a na criação de um fundo documental da etnia negra na cidade de Erechim, por meio da doação das gravações e transcrições das entrevistas para Arquivo Histórico da Cidade.

Previsão de riscos ou desconfortos (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3 b)

A análise dos riscos foi baseada na Tabela de Riscos e Providências para Minimizar os Riscos para os Participantes de Pesquisa, produzida pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Federal Catarinense (Disponível em: <https://cep.ufv.br/wp-content/uploads/2021/02/Tabela-de-riscos.pdf> acesso em: 10 fev. 2023). Os riscos envolvidos no método de entrevista são: - desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; Como a temática da pesquisa é etnia, é um assunto que pode evocar lembranças desagradáveis ao entrevistado:

- Alterações na autoestima provocadas pela evocação de memória;
- Alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre a trajetória de vida do entrevistado.

Esses riscos muitas vezes são expressos na forma de desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados; medo de não saber responder ou de ser identificado; estresse; quebra de sigilo; cansaço ou vergonha ao responder às perguntas. Mesmo contando como Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e com termo de sigilo toda pesquisa e coleta de dados envolve o risco de divulgação de dados confidenciais.

Para minimizar os riscos descritos acima, será oferecido ao participante a opção de escolha do local, data e horário, dentro do cronograma, da entrevista, visando deixar o participante mais à vontade e também, como consta no TCLE, a opção de o entrevistado desistir da participação no estudo. Caso os riscos acima venham a se concretizar, salienta-se que em qualquer etapa da pesquisa as pessoas envolvidas podem falar de seus desconfortos para a pesquisadora, a fim de que juntas possam buscar por um meio adequado para sua minimização. Caso algum dos riscos se manifeste e não seja possível minimizá-lo, os participantes, assim como as instituições, terão todo o direito de solicitar a desistência em participar da pesquisa

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa (Conforme Resolução CNS N° 466 de 2012 item XI.2. h)

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

Sobre a Via do TCLE entregue ao participante da pesquisa (Conforme Resolução CNS N° 466 de 2012 item IV.3.f)

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

CAAE: Número do Parecer de aprovação no CEP/UFFS:

Data de Aprovação:

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: (48) 991450853

e-mail: carolpasa17@hotmail.com

Endereço para correspondência: Rua Barão do Rio Branco - 396, centro. Erechim/RS CEP: 99700 266

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”:

Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

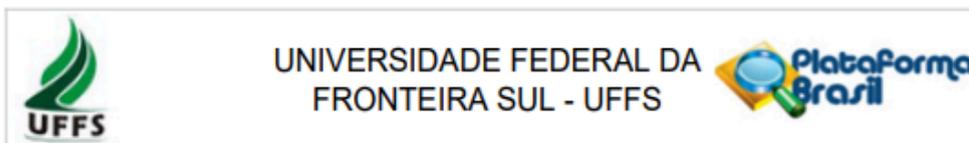
http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Nome completo do (a) participante:

Assinatura

ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS (CEP - UFFS)



Continuação do Parecer: 6.108.231

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2010126.pdf	01/06/2023 11:16:29		Aceito
Outros	pendencias.pdf	01/06/2023 11:15:49	CAROLINE PASA	Aceito
Outros	cartadependencias.pdf	02/05/2023 19:29:04	CAROLINE PASA	Aceito
Outros	tcleatualizado.pdf	02/05/2023 19:28:27	CAROLINE PASA	Aceito
Outros	coletadedados.pdf	02/05/2023 19:27:52	CAROLINE PASA	Aceito
Outros	cartacessao.pdf	02/05/2023 19:27:09	CAROLINE PASA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	19/03/2023 21:32:17	CAROLINE PASA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	19/03/2023 21:31:45	CAROLINE PASA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	27/02/2023 19:06:45	CAROLINE PASA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CHAPECO, 07 de Junho de 2023

Assinado por:
Renata dos Santos Rabello
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.802-112
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



DISSERTAÇÃO Nº 158/2024 - PPGICH - ER (10.44.05.33)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 30/10/2024 09:08)

SONIA VENTURIN

ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO

CAPPG-ER (10.44.05.09)

Matrícula: ###110#4

Visualize o documento original em <https://sipac.uffs.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número:
158, ano: **2024**, tipo: **DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **30/10/2024** e o código de verificação: **bd3897f9bf**